

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

Nº IV - MAIO / 2021



SUMÁRIO



- 03 APRESENTAÇÃO EDITORIAL;
- 06 ILUSTRES ILUSTRADORES;
- 08 PRÓLOGO DOS ARTIGOS;
- 09 ARTIGO DE CAPA: MÍMIR - A MEMÓRIA DOS DEUSES
- 12 ARTIGO 01: DOS HERÓIS DO CINEMA AO HERÓI QUE HÁ DENTRO DE VOCÊ
- 15 ARTIGO 02: A TRÍADE TUPI E AS ORIGENS DA ALMA BRASILEIRA
- 23 ARTIGO 03: MATERNAGEM E MATERNIDADE
- 44 ARTIGO 04: DESTA VEZ A CASA NÃO SAIRÁ DE ULISSES
- 55 ARTIGO 05: UM DEUS ANTIGO ESCONDIDO EM FIGURAS FOLCLÓRICAS IBÉRICAS
- 59 BIBLIOTECA DE THOTH;
- 65 VITROLA DE ORFEU;
- 76 HISTÓRIAS DA VÓ TIANA;
- 77 ARQUIVOS DE LOKI;
- 81 A NONA ÁRVORE;
- 86 ACADEMIA DE QUÍRON;
- 89 PANTEÃO DE COLABORADORES;
- 95 AGRADECIMENTOS.

APRESENTAÇÃO EDITORIAL



Para não perdermos os bons costumes, vamos falar da edição do mês passado, que teve milhares de alcanços nas primeiras 24h de publicação!

Além disso, temos a honra imensa de trazer nesta edição um jovem ilustrador equatoriano muito talentoso, que trouxe essa belíssima representação de poder e coragem da mitologia nórdica!

Também temos novamente a honra de ter o querido ilustrador do Reino Unido, agora ilustrando um artigo!

Como na edição anterior, teremos um artigo de capa, mostrando um pouco mais sobre a cultura da divindade da imagem de capa da revista deste mês.

Na Bilbioteca de Thoth, temos dicas literárias nacionais, onde uma das resenhas foi feita por uma nova e querida colaboradora; A Vitrola de Orfeu trará duas bandas nacionais potentes; Nos Arquivos de Loki trouxemos os mitos japoneses em uma resenha sensacional; A Nona Árvore traz um galho grego desta vez e na Academia de Quíron, outros cursos interessantes surgem, além de ouvir mais das Histórias da Vó Tiana!

Toda esta edição espera por você!

Aproveitem!

Larissa Dias



Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

GUIA DE SEÇÕES

ILUSTRES ILUSTRADORES



Para saber um pouco mais sobre os artistas que dão vida às nossas divindades por meio de incríveis ilustrações.

ARTIGOS



Um grande banquete onde todos os deuses se encontram para partilhar conhecimento.

BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias, e aqui, estarão essas histórias que fazem parte da mitologia familiar brasileira

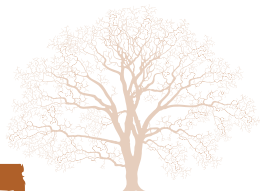
GUIA DE SEÇÕES

ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

A NONA ÁRVORE



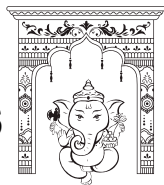
A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas.

ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

PANTEÃO DE COLABORADORES



Para saber um pouco mais sobre todos os incríveis colaboradores que criam cada uma de nossas sessões!

ILUSTRES ILUSTRADORES



Carlos Airas é um artista do Equador, um incrível ilustrador, que a revista Mitologia Aberta conheceu através das suas belas artes feitas para a banda Tuatha de Dannan. Ele criou esta incrível arte exclusivamente para a revista, que traz o deus Odin lutando contra Ymir, um antigo gigante, o primeiro ser vivo do início dos tempos!



Carlos Airas

@carlosredlayer

www.facebook.com/carlos.arias.79219

“

Sou nascido em Cuenca, no Equador, e atualmente tenho 24 anos. Estou terminando meus estudos universitários em artes visuais, pois desde criança vivo fascinado pela arte da fantasia, o que me levou a me interessar pela disciplina de arte conceitual. Atualmente, busco como um dos nichos de minha carreira, trabalhar como artista visual no mundo dos videogames, desenhando personagens. Outra das minhas paixões é a arte clássica, que foi meu início no mundo da arte, fazendo pinturas a óleo. Atualmente trabalho quase que exclusivamente com técnicas digitais, que na verdade são semelhantes às técnicas tradicionais.

Eu realmente espero que meu trabalho seja do agrado de todos vocês leitores!" - *Carlos Airas*



"Ymir e Odin",
Arte que ilustra a capa desta edição

ILUSTRES ILUSTRADORES



Patrick Burke é um artista do Reino Unido, cujo trabalho tem uma força e expressividade únicas!

Atuando como artista multimídia, seus trabalhos transitam entre músicas elaboradas, histórias em quadrinhos e claro, suas pinturas maravilhosamente impressionantes.

Ele diz "Sempre gostei de ser criativo, é uma forma maravilhosa de viver, nunca paro de trabalhar".

Já conhecemos Patrick com a belíssima ilustração da edição do mês passado, e agora, temos essa incrível obra de acrílico sobre tela "Eyes from the Past" (Olhos para o passado) trazendo o corvo, animal símbolo da morte em muitas mitologias.

Este artista incrível navega nos muitos mares profundos das artes, como HQs, fotografia, artes plásticas, música e outras!

Não deixem de conhecer seu incrível trabalho!



@patrickburkeartworks
diary-of-an-artist.webnode.com
facebook.com/PatrickBurkeArtworks



"Eyes From the Past",
arte que ilustra o segundo artigo
desta edição.

PRÓLOGO DOS ARTIGOS



A revista Mitologia Aberta está na sua quarta edição, e como ela é uma revista de livres pensadores da mitologia, sempre batalhamos para que ela possa ser acessível para pessoas de diversas áreas, que se interessem pela temática.

Teremos novamente um artigo de capa, desta vez, trazendo informações sobre o grande deus Mímir, que assim como o gigante Ymir, faz parte da mitologia nórdica. O artigo também traz sua relação com o grande deus Odin, que aparece na capa da nossa edição, lutando contra Ymir.

O primeiro artigo traz de forma bela o mito do herói e as etapas da jornada para que todo possam conhecer mais. A jornada do herói é vivida nas mitologias do mundo todo, então esta não será a primeira nem a última vez que a abordaremos. Além disso, o artigo faz algumas analogias interessantes com os heróis do cinema.

O segundo artigo traz a tríade Tupi-Guarani e as origens da Alma Brasileira, de uma forma intensa e

profunda, onde o Sol, a Lua e o Amor mostram seus papéis na formação da alma dos seres humanos.

Já o terceiro artigo traz o matriarcado pelos olhos da mitologia de um modo impressionante e envolvente, trazendo vínculos entre mitologia e história pelo olhar da psicologia analítica, em uma grande homenagem ao mês das mães.

O quarto artigo é de uma beleza poética incrível, onde o autor traz o mito de Ulisses nesses tempos pandêmicos, com o tema "Ulisses não sairá de Casa". Está imperdível e avassalador!

Para finalizar, o quinto artigo vai trazer um antigo deus escandinavo que se esconde por trás de figuras folclóricas ibéricas, trazendo um novo conhecimento para os leitores!

Como está tudo muito interessante, que tal embarcarmos em busca da nossa alma mitológica?

Boa leitura!
Larissa Dias

MÍMIR – A MEMÓRIA DOS DEUSES

POR ALLAN MARANTE

Estamos acostumados a ler as histórias antigas como se fossem novelas ou contos, com personagens fictícios, que, nas situações em que se encontram, são Deuses ou heróis.

Contudo, ao tratarmos as antigas religiões como histórias perdidas no tempo, não apenas ignoramos o fato de que diversas crenças antigas resistiram ou perduraram até os tempos modernos, por meio de reconstruções, histórias locais, costumes, valores culturais e até mesmo as próprias crenças sobreviveram, como nos distanciamos do real entendimento do que os manuscritos antigos realmente querem dizer.

Não se enganem! As fontes históricas nórdicas são vastas e repletas de conhecimento espiritual.

Na Edda “Sabedoria da Bisavó” temos um literal universo de conhecimento a ser explorado e entendido. A verdade por detrás da alegoria.

Um dos exemplos desta situação é Mímir, o sábio tio de Óðinn, descrito como uma cabeça decapitada falante, detentor de grande conhecimento e guardião do Mímisbrunnr “Poço das lembranças”.

Mas de onde vem estes conceitos? Por que as pessoas assim descrevem Mímir? E o que exatamente isso representa dentro do Forn Siðr “Antigo Costume”?

Começemos com o significado do nome de Mímir. Comumente traduzido como “Aquele que se lembra”, ou “Aquele que é Sábio”, o nome de Mímir vem do substantivo

neutro **Minþija* (lembança; recordação; brinde; memória), da língua protogermânica, que da origem ao substantivo neutro *Minni* (memória; lembrança), na língua nórdica antiga.

O verbo **Minþijaną* (recordar; relembrar), da língua protogermânica, que origina o verbo *Minna* (recordar; relembrar; memorizar), da língua nórdica antiga, também está diretamente ligado ao nome de Mímir.

É por isso que o nome de Mímir é então traduzido como “Aquele que se lembra”. Uma existência divina que se recorda dos mais antigos feitos dos *Regin* “Poderes Governantes” e dos homens.

O que dizem as fontes primárias sobre Mímir? Na *Ynglinga Saga* “A Saga dos Reis Nórdicos”, um texto do século XII, escrito em nórdico antigo, temos o seguinte fragmento:

Þá grunaði Vani, at Æsir mundi hafa falsat þá í mannaskiptinu; þá tóku þeir Mími ok hálshjoggu ok sendu höfuðit Ásum. Óðinn tók höfuðit ok smurði urtum, þeim er eigi mátti fúna, ok kvað þar yfir galdra, ok magnaði svá, at þat

mælti við hann ok sagði honum marga leynda hluti.

*Assim os Vanir começaram a suspeitar que os Æsir os teriam enganado na troca de reféns. Eles capturaram Mímir, o decapitaram e enviaram a cabeça dele aos Æsir. Óðinn pegou a cabeça e a defumou com ervas, de forma que ela não iria apodrecer, e entoou magníficas galdrar (canções mágicas). Assim, ele concedeu a Mímir o poder da fala, e o revelou muitos segredos. (Tradução de Allan Marante, presente na obra *Ynglinga Saga* “A Saga dos Deuses e Reis Nórdicos”)*

Este é um dos fragmentos que atestam que Mímir realmente é uma cabeça decapitada, e que Óðinn o reanimou com o *galdr*, a arte nórdica de encantamentos.

Por que um Áss “Deus; Poder Incitador” poderoso como Óðinn, governante de todas as coisas, grandiosas e simplórias, precisaria reanimar a cabeça do próprio tio após ele ser morto? A resposta vai além da alegoria.

Não podemos pensar em personagens de “carne de osso”, como se fossem meros bonecos ma-

nipulados em uma narrativa. Enquanto as memórias estão preservadas, as coisas não morrem.

Em diversos textos importantes da Edda, como o *Hávamál* “O Elevado Discurso”, é mencionado que tudo está destinado a morrer, mas os feitos e o destino daqueles que são lembrados jamais morre.

O *Mímisbrunnr*, o Poço das Lembranças, o Povo de Mímir, é a memória Divina, que recorda e resguarda tudo aquilo que aconteceu e que acontece. É a fonte da sabedoria do Universo, onde mesmo Óðinn, o mais soberano e exímio dos *Æsir* “Poderes Incitadores” buscou suas inesgotáveis memórias, em *sjlálfr sjalfum mér* “eu mesmo a mim mesmo; meu espírito dedicado a mim”.

É impossível, contudo, em um curto espaço de tempo, explorar todas as riquezas e conhecimentos espirituais que a língua nórdica antiga e seus manuscritos preservam. Mas se cada dia pudermos mergulhar um pouco mais fundo nas memórias dos antepassados, então poderemos entender o porque mesmo os *Regin* “Poderes Governantes; Deuses” pre-

servam com afinco as memórias e lembranças.

Apenas quando se compreende o passado, se entende o presente e torna-se possível construir os caminhos ao futuro.

*Alt veit ek, Óðinn!
hvar þú auga falt:
í inum mæra
Mímis brunni;*

*De tudo eu sei, Óðinn!
Onde tu escondeste o teu olho,
nas profundezas
do Mímisbrunnr (Poço de Mímir).*

REFERÊNCIAS

- MARANTE, ALLAN (Tradução). *Völuspá. A profecia da Mulher Sábia.*

DOS HERÓIS DO CINEMA AO HERÓI QUE HÁ DENTRO DE VOCÊ

POR NÚBIA FUJII

Capitão América, Thor, Mulher Maravilha, Homem Aranha, Pantera Negra - nos últimos anos, a indústria cinematográfica tem apostado bastante em filmes de heróis e heroínas, e os altos índices de bilheteria comprovam que se trata de um sucesso. Desde os primórdios que as histórias de deuses, heróis, mocinhos e mocinhas, que se lançam em um caminho permeado de obstáculos e dificuldades, mas que ao final chegam a uma grande conquista, fascinam o imaginário das pessoas, sejam em obras literárias, no cinema, no teatro ou na TV. E você, já se perguntou por que isso acontece?

A resposta parece ser simples, uma vez que nutrimos uma identificação com tais enredos, e, muitas vezes, nos imaginamos no lugar desses personagens heroicos, como se eles

fossem nós mesmos. E isso é verdade, já que em cada um de nós habita um herói. Por outro lado, é possível dizer que há algo mais profundo nessa afirmação.

A figura do herói é típica de qualquer civilização, independentemente do tempo e do espaço. Usando termos junguianos, trata-se de um arquétipo. O arquétipo está ligado ao conceito de inconsciente coletivo, que pode ser descrito como uma espécie de reservatório de conteúdos relacionados à nossa ancestralidade, ao nosso passado comum. Os arquétipos representam esses conteúdos e apresentam modelos de existência, formas de lidar com a vida (HALL; NORDBY, 2014).

Um dos modos de tornar esses conteúdos inconscientes em algo

consciente é expressá-los por meio dos mitos, por exemplo. Mitos são narrativas de uma realidade que passa a existir. Eles se tornam um modelo e dão origem a padrões de comportamento. A cada repetição desses comportamentos existe sempre a possibilidade de algo novo. Para Joseph Campbell (2014), os mitos ajudam a colocar a mente em contato com a experiência de estar vivo, podendo dar a ela um sentido maior.

Sendo assim, todos nós, ao longo de nossa caminhada, passamos por muitas jornadas heroicas, que nos mobilizam psicologicamente, nos levam a um crescimento espiritual e nos permitem um maior conhecimento de nós mesmos, ou seja, vivenciamos o mito do herói constantemente.

Toda jornada heroica encontra um caminho de medo e insegurança, mas se for bem percorrida pode trazer grande satisfação, restauração da vida e bem-aventurança. Campbell delineou a jornada do herói e todas as suas etapas em seu livro “O herói de mil faces”. Essas etapas são geralmente observadas em todas as narrativas heroicas. No livro, o autor

faz uma descrição detalhada, mas podemos dizer que a jornada é dividida basicamente em três fases: partida, iniciação e retorno.

A partida implica num afastamento do ambiente em que o herói vive, como se ele precisasse deixar o mundo exterior para adentrar o mundo interior. Ela vem com um chamado, prenunciado por um certo desconforto, uma insatisfação, como se algo estivesse fora do lugar. Com o chamado aceito, o herói adentra um labirinto, por um portal, para, quem sabe, sair dele renascido. No meio do percurso contará sempre com aquilo que Campbell chama de auxílio sobrenatural, uma figura que representa o poder protetor do destino. Sabe aqueles momentos difíceis em que, de repente, nos deparamos com situações que parecem ter sido providenciais? Gratas surpresas, que nos ajudam a ir em frente...

A segunda fase é a de iniciação. Nela, obstáculos precisam ser ultrapassados, através de provas desafiadoras. Limitações pessoais devem ser vencidas e a busca aqui se revela como o encontro de uma unidade, uma elevação do espírito,

que se tornou mais inteiro após tantos desafios. Trata-se do encontro com a bem-aventurança.

A última etapa é a do retorno. Nessa etapa o herói volta ao mundo transformado, e a ideia é que ele se torne testemunha viva da dádiva que lhe ocorreu, devolvendo para o mundo essa preciosidade, ensinando o que foi aprendido e tornando o mundo um lugar melhor.

Assim, é maravilhoso pensar que todos nós temos potencialidades que podem ser desenvolvidas, que temos forças que não conhecemos, mas que se mostram poderosas em momentos decisivos. E, o mais importante: que essa força é capaz de transformar a nós e o mundo que nos cerca, assim como ocorre nas famosas histórias que tanto nos encantam. Por isso, quando você ouvir um chamado para algo maior em sua vida, não hesite. No final você encontrará sua bem-aventurança. Desperte o herói que há dentro de você!

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. 11^o edição. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.
- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. 30^a edição. São Paulo: Palas Athena, 2014.
- HALL, Calvin S.; NORDBY, Vernon J. Introdução à psicologia junguiana. São Paulo: Cultrix, 2014.

A TRÍADE TUPI- GUARANI E AS ORIGENS DA ALMA BRASILEIRA

POR SOLANGE D'AMATO

Compartilhar um mito tupi-guarani por meio da tríade divina de algumas etnias indígenas, apresentando um deus brasileiro equivalente a Eros da mitologia grega, é um convite a olhar para a nossa ancestralidade, a nossa origem como povo.

Desde os primórdios das civilizações, os indígenas têm uma conexão com as forças da natureza, que estão presentes nas suas crenças em divindades por eles cultivadas. Esse legado permanece vivo até hoje, em mais de 305 etnias, com 274 línguas distintas, que vivem no Brasil. Vale a pena conhecer um pouco dessa cultura que com eles resiste!

Somos um povo miscigenado e, apesar da riqueza étnica cultural, a história de dominação da cultura europeia sobre nosso povo acabou por fazer com que em certos debates fossem excluídas nossas influências indígenas e africanas.

Nossa história como povo começou muito antes do descobrimento do Brasil, mas é comum começar a contá-la aos nossos estudantes a partir dele. Assim, parece que perdemos o nosso mito de origem e negamos nossa ancestralidade. Como diz Roberto Gambin (2020), “Cada um de nós carrega um índio dentro de si.”

Não devemos negligenciar a riqueza da cultura europeia, mas precisamos valorizar a totalidade da cultura brasileira para fundamentar nossa identidade em suas raízes. A partir dos mitos indígenas podemos resgatar aspectos da alma brasileira.

Historicamente, os mitos, ritos e costumes dessa cultura foram ensinados como algo exótico, e raramente como nossa base cultural. Não enxergar a importância da nossa raiz cultural é excluir parcela da nossa essência.

Precisamos resgatar aspectos da nossa alma brasileira para conquistar uma identidade cultural fundamentada em nossa totalidade.

Ainda nos diz Roberto Gambini (2020) "que se não tivéssemos negado nossas raízes estaríamos realizando, através da nossa história, uma grande síntese de duas maneiras de ser humano: a europeia e a ameríndia." Como não foi feita a síntese das duas polaridades, o que ocorreu historicamente foi a negação de um polo em predominância avassaladora a outro.

A mitologia indígena precisa ser di-



"Eyes from the Past" - Patrick Burke

fundida, para que possamos reconhecer nosso patrimônio humano e nos tornarmos realmente o que somos, pessoal e coletivamente, como país.

Pretendo agora concluir essa reflexão, abordando um mito brasileiro Tupi – Guarani: uma história de amor do Deus Rudá - uma adaptação da versão do mito Rudá por Christiane Angelotti.

No começo, ainda no silêncio... muito silêncio... havia a escuridão, muita escuridão. Nada se via. Nem olhos havia para ver. Escuro, muito escuro.

Então nasceu o Sol, Guaraci. Desde o primeiro dia, Guaraci nasceu como sempre nascia: devagarinho, primeiro um clarão no nascente, depois uma bola de luz vermelha... ia clareando e subindo... subindo... subindo... e ia clareando tudo, iluminando tudo, aquecendo tudo, derramando vida em tudo...

Mas o tudo, no começo, era quase nada.

Então Guaraci viu aquele nada e começou a criar... Criou as águas, muitas águas: águas de sal, águas doces, águas de jorrar do céu... Depois criou as terras, muitas terras...

Entremeando as terras, águas que corriam, águas que paravam... As águas se movimentavam e as terras também... e Guaraci gostava daquele movimento. E de ver aquele movimento, Guaraci criou o vento, que também se movimenta. Às vezes forte, tufão, furacão... às vezes leve, brisa calma e refrescante. E Guaraci,

bola de fogo, esquentava tudo aquilo. E criava.

Criava peixes, de espécies e cores diferentes, que viviam nas águas, cada qual com o seu tamanho... Criava animais de espécies e cores diferentes, que viviam nas terras, cada qual com o seu tamanho... Criava vegetais, de espécies e cores diferentes, que viviam nas águas e nas terras, também com tamanhos diferentes... Criava pássaros e insetos para povoar o ar... sempre de espécies e cores e tamanhos diferentes... E todos eles faziam sons diferentes... cada um do seu jeito.

E de tanto criar tantas coisas, tanta natureza, tudo tão bonito... ah... Guaraci ficou cansado. Ficou muito, muito cansado... e foi ficando com muito sono... precisou dormir. Foi fechando os olhos, bem devagarinho, e quando fechou os olhos de vez, tudo ficou escuro, muito escuro. Guaraci não podia ver mais nada do que havia criado. Enquanto dormia, só a escuridão. Ah... cadê tudo aquilo tão bonito? Guaraci queria ver tudo de novo, mas estava tão cansado... Ainda queria descansar mais, mas estava tão sozinho...

Nesse sono ou nesse sonho, no meio dessa escuridão toda, Guaraci criou a Lua, Jaci. Mas foi no meio do seu sono, quando estava tudo escuro. Foi assim: lá longe, Guaraci viu chegando um clarão, no coração da escuridão. Aquele clarão foi crescendo, foi se abrindo no escuro da noite, e foi se apresentando. Subindo no céu, ela foi surgindo, Jaci, primeiro como uma bola amarela, cor de laranja, as laranjas que Guaraci tinha criado antes. Depois Jaci, a Lua, subia e subia, e quanto mais alto subia, mais o seu brilho virava prata, e fazia um lindo clarão, iluminando toda a natureza. Era lindo o brilho nas águas, o clarão nas montanhas... e outros sons se faziam, os sons da noite.

Era uma Lua tão bonita que Guaraci, nessa mesma noite de sono ou de sonho, apaixonou-se por ela. Um sentimento tão bom... ela era tão bonita... e mostrava, do seu modo especial, do modo mesmo de Jaci, mostrava tudo aquilo que ele tinha criado. Guaraci ficou tão encantado e apaixonado que abriu os olhos para poder vê-la e admirá-la melhor... mas, ah... quando abria os olhos tudo se iluminava de um jeito mais forte, colorido, e ela desaparecia...

E ele queria mostrar a ela o quanto era bonita toda aquela natureza, com suas flores e cores... Mas ela não estava mais lá. E ele procurava, procurava... e ela não estava mais lá. De tanto procurar por Jaci, novamente Guaraci ficou cansado, muito cansado... e mais uma vez fechou os olhos para dormir um pouco. E, enquanto dormia, lá vinha ela, fazendo o seu desfile no fundo da escuridão, com seu lume, com seu jeito dese apresentar e de mudar de ouro em prata... Era mesmo muito bela, Jaci.

E Guaraci queria dizer de seu amor por ela, e o quanto de lindo havia quando ela não estava... E queria dizer que quando abria os olhos para chegar a ela, tudo clareava e ela sumia. E queria dizer também que quando tudo se iluminava, ela desaparecia.

Então, Guaraci criou Rudá, o mensageiro de seu amor... para dizer a ela o que se sentia quando ela crescia no escuro do seu sono... e que, na clareza do seu sonho, ele a admirava. Ele queria também mostrar a ela quantas coisas lindas havia quando ele estava de olhos abertos... E como ele se sentia só quando ela desapa-

recia...

Foi assim que nasceu Rudá, o amor. Porque o AMOR não conhece luz ou escuridão, e assim podia levar a Jaci a mensagem de Guaraci. Dia ou noite, Rudá, o AMOR, podia dizer à Lua Jaci o quanto o Sol Guaraci era apaixonado por ela.

E levou a mensagem a Jaci. Ela, por sua vez, mandou também uma mensagem de volta, dizendo o quanto achava lindo tudo o quanto ele fazia... que ela passava a noite admirando todas as águas, todos os peixes, todas as terras e todos os seres que vivem na terra, todos os pássaros da noite, que se deliciava com a brisa suave, que ouvia os sons da noite, contraponto dos sons do dia...

E Rudá, o AMOR, levava a mensagem de Jaci a Guaraci, e sempre ficava tão feliz que novamente abria os olhos e iluminava tudo durante o dia... E novamente mandava por Rudá, nova mensagem de amor.

E por Rudá, Jaci mandava também outra mensagem de amor, dizendo que a luz que ela brilhava também vinha dele, do amor que ele tinha. E

que ela também se sentia só e sentia muita saudade quando Guaraci abria seus olhos iluminando tudo, mas que ela o amava e queria que ele soubesse disso. E Rudá levou a mensagem.

Então Guaraci criou algumas estrelas, mais estrelas, muitas estrelas, cada uma com um tamanho e brilho diferente para cintilar no céu e alegrar Jaci, fazendo companhia a ela enquanto ele dormia.

E até hoje, Rudá, o filho do Sol, nascido para ser o mensageiro do amor de Guaraci por Jaci, vive dia e noite, cumprindo sua missão.

Ele é encarregado de reproduzir os seres criados, pois Guaraci e Jaci querem sempre mostrar um ao outro uma coisa diferente. E todos os dias e todas as noites Rudá, que vive nas nuvens, fortalece esse amor com suas mensagens.

Ele também tem a missão de criar o amor no coração dos homens, despertando o amor como aquele de Guaraci por Jaci e de Jaci por Guaraci. O amor feito de admiração e de respeito pelo brilho do outro, pois cada um tem seu jeito próprio de bri-

lhar. O amor feito de saudade, de beleza, de encantamento. O amor também pela Terra, pelos mares, pelos rios, pelas árvores, pelos animais, pelos homens, pelas mulheres e entre todos, porque afinal todos são admirados de dia e de noite por Guaraci e Jaci.

Interpretação

Temos nesse mito uma tríade divina da cultura de algumas etnias indígenas, que são representadas pelo Sol (Guaraci), a Lua (Jaci) e Rudá (amor).

Na mitologia tupi, Rudá é o deus do amor que vive nas nuvens. Sua função é despertar o amor dentro do coração dos homens. Guaraci, assim como em outras mitologias que apresentam divindades relativas ao Sol, é também um importante deus para os tupis-guaranis, tanto quanto Apolo na mitologia grega, Brahma na mitologia hindu e Osíris na egípcia. Rudá é o Cupido dos indígenas. É a ele que as virgens e os guerreiros se dirigiam, pedindo-lhe proteção nas suas pretensões amorosas.

*Rudá, Rudá,
luaká pinaié*

*Amãna reçaçu
luaká pinaié
Aiuté Cunhã
Puxiuéra oikó
Ne mumamára ce recé
Quahá caarúca pupé.*

Traduzindo:

"Óh Rudá, tu que estás nos céus e que amas as chuvas...Tu que estás nos céus...faz com que ele, por mais mulheres que tenha, ache-as todas feias; faz com que ele se lembre de mim nesta tarde, quando o Sol se ausentar no ocidente..."

Invocações à lua

Os tupis consideravam as luas cheia e nova elementos auxiliares de Rudá, o deus do amor, e tinham invocações semelhantes às que cantavam àquele deus, e para o mesmo fim, de trazer os amantes ao lar, pelo poder da saudade. Eram estas as invocações à lua cheia (cairé) e à lua nova (catiti):

*Cairé, cairé nú
Manuára danú çanú
Eré ci erú
Piape amu
Omanuara ce recé
Quanhá pitúna pupé*

Catiti, catiti
Imara notiá
Notiá imára
Espejú (fulano)
Emú manuára
Ce recé (fulana)
Cuçukui xa ikó
Ixé anhú i piá póra.

Sua tradução, apesar da ignorância do sentido de alguns versos, é assim apresentada:

"Eia, ó minha mãe (a lua) fazei chegar esta noite ao coração (do amante) a lembrança de mim".

"Lua nova, ó lua nova! Assoprai em fulano lembranças de mim, eis-me aqui, estou em vossa presença; fazei com que eu tão somente ocupe seu coração".

Nessa narrativa mítica, vamos encontrar aspectos presentes em nossa constituição como humanos: a polaridade emoção / pensamento, masculino / feminino, razão / afeto. Segundo a mitologia junguiana, o sol é o princípio ativo masculino, o logos, enquanto a lua é associada ao feminino. Rudá faz a ponte entre a lógica e a sensibilidade. Ele foi capaz de harmonizar essa tensão e gerar o

casamento sagrado. Esse casamento está na base de todas as tradições ancestrais, e presente na psicologia profunda.

Conhecemos a mística que existe nos elementos sol e lua para a cultura indígena, que vê também o mistério e a beleza do universo nesses dois elementos da natureza.

Podemos entender por essa narrativa poética que todo mito é carregado de significado e representações, de acordo com sua cultura, ética e visão de mundo de seu povo.

Procurei apresentar aqui um pouco da riqueza cultural do nosso povo, pouco valorizada em nosso país, e a necessidade de mantê-la viva, para garantir, por meio dos mitos indígenas, um contato maior com a nossa realidade e similaridade com mitos de outras culturas, mais conhecidos e divulgados.

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, HUMBERTO. (org), *Morte e Renascimento da Ancestralidade Indígena na Alma Brasileira*. Petrópolis RJ: Vozes 2020.

- WERÁ, KAKÁ. O trovão e o Vento. São Paulo SP: Polar 2016.
- MUNDURUKU, DANIEL. O Banquete dos Deuses. São Paulo SP: Global 2006
- JUNG, CARL. GUSTAV. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro RJ: Nova Fronteira 2008

Sites Consultados:

<<http://sandrafichera.blogspot.com/2011/12/lenda-do-sol-e-da-lua.html>>

Acesso em: 9 de fev.2021

<<http://vida-de-indio.blogspot.com>>

Acesso em: 9 de fev.2021

MATERNAGEM E MATERNIDADE: ALÉM DO ESPECTRO DE FEMININO

POR ROSANGELA CORRÊA

Olá, caros leitores, sejam sempre muito bem-vindos. Para o estudo deste 4º exemplar da nossa Revista Mitologia Aberta, e que acontece num mês de maio, procurei, de alguma maneira, associar o tema ao evento de Dia das Mães, comemorado no Brasil e em vários outros países do globo - esta localização se faz necessária, pois nossa querida revista já ultrapassou as fronteiras nacionais. Mas, obviamente, *MÃE* é universal, e sempre torna-se um tema pulsante, por vezes controverso. Desde o início sabia que queria falar sobre a questão de *MATERNIDADE*, mas não só para as mães ou para as pessoas que querem ser mãe de alguma forma, e definitivamente não apenas para as mulheres. O objetivo é abordar as questões da maternidade e tudo o que envolve a dinâmica do feminino, que entendemos como *MATERNAGEM*,

longe de ser uma exclusividade da *MULHER*, mas ainda assim no manancial arquetípico do que entendemos e aceitamos como pertencente ao feminino. Preambulando e sintetizando: *Maternagem* pode e deve ser exercida e experimentada por qualquer ser vivo, por simplesmente ser uma escolha e ação de cuidar e ser cuidado. – *Ah!, e entusiasmadamente exorto-vos a apropriarem-se desta constatação, e que possamos exercitar ativamente a empatia, em todas as frentes de atuação e inter-relação.*

Dito isto, comecemos do princípio: como quase tudo que nos remete às narrativas e/ou especulações do “antigamente”, sejam mitologias, histórias pregressas ou até da pré-história, como vamos abordar neste artigo, inexoravelmente somos pos-

tos e expostos às muitas versões propagadas, defendidas, pesquisadas, ou popularmente aceitas como tradições. Alguns pesquisadores defendem a “romantização” da origem da era matriarcal ou matriarcado, conjecturando que tenha sido apenas aventada para balizar as mitologias ao longo do desenvolvimento humano. E não estou aqui para negar ou assentir com esse julgamento ou proposição, mas também não vou me esquivar de acolhê-lo, como os artistas gostam de sugerir em seus ramos de atuação, como “licença poética” de vazões criativas. Portanto, partindo deste pressuposto e considerando que os conteúdos presentes no que a psicologia junguiana define como inconsciente coletivo, uma vez lá posto – *conteúdos arquetípicos* –, sejam eles factuais ou não, do ponto de vista dos seres viventes, relativizado e pertencendo ao manancial arquetípico, está e para sempre estará disponível e acessível a todos! De maneira bastante simplificada e para ilustrar o raciocínio, consideremos como exemplo uma percepção clínica: sobre a realidade psíquica de cada um, ou seja, quando tratamos os traumas manifestados por um deter-

minado indivíduo, e que correlacione seus dramas atuais a algum evento experimentado, tido como factual ou não, devemos considerar, trabalhar e tratar os conteúdos presentes em sua respectiva experiência de verdade psíquica, muitas vezes ressignificando, transmutando e integrando, na medida e no tempo hábil ao próprio indivíduo, no desenvolvimento de sua mitologia pessoal. Conforme Eliade (1963, p. 11), “[...] *o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial [...] É sempre, portanto, a narrativa de uma ‘criação’.*”

Então, sem mais delongas, para este estudo vamos considerar, sim, o desenvolvimento conceitual do Matriarcado e sua transição ao Patriarcado, bem como desdobramento de ambos, contemporaneamente. Para tal, escolhi como fio condutor parte da entrevista do professor Bernardo de Gregório, na série *Entre o Céu e a Terra*, devidamente referenciado, e que recomendo vivamente, por muitas razões, seja pela abrangência sintetizada de um assunto tão rico, lindo e vasto, seja pela simplicidade em abordá-la, e, principalmente, pela

“licença” muito bem-humorada e impessoal de sua exposição, além de agregar conteúdo de outras fontes pesquisas ao longo do desenvolvimento deste artigo.

Como preâmbulo, compartilho a citação dos pensadores Monteiro, Pires e Colonna:

[...] o feminino torna-se 'demoníaco' quando banido do consciente, mas não se afasta de nós, acabando por nos possuir de forma inconsciente. (Monteiro 1998, p. 34)

Reforçado pela descrição de Valéria Fabrizi Pires, embasada na afirmação de Colonna (1980) “O demoníaco é uma força arquetípica da experiência humana. Essa força pode ser construtiva, destrutiva ou ambas, dependendo da quantidade de impulsos para expressá-la. Lilith, que necessita expressar-se em toda a sua natureza instintiva, acaba tornando-se um demônio. (Pires 2008, p. 45).

Matriarcado como Princípio

Originalmente, quando ainda não éramos humanos propriamente dito, as fêmeas mamíferas silvestres tinham ciclos de fecundidade anual, e naturalmente todas ovulavam no

mesmo período, comumente no final da primavera. Gestavam por nove meses, e após três meses de amamentação, já estavam aptas a uma nova ovulação, afinadas a um ciclo sazonal, renovado a cada doze meses, e conseqüentemente, não havia o fenômeno de menstruação. Ocorria o que entendemos como cio, e que o prof. Bernardo cita ilustrando: como uma espécie de ditadura hormonal, onde sincronizadamente, por causa dos picos hormonais, todas as fêmeas que, ovulando, eram instintivamente conduzidas às cópulas, e, portanto, fecundadas.

Sacralidade – A princípio e por milênios, entendia-se a mulher como a própria deusa geradora de vida, e era natural que os filhos, conceitualmente, pertencessem às mulheres: mães. Até então, era nada óbvio a participação do homem na geração de uma nova vida. A mulher, além de gestar e parir “magicamente”, era equipada e abastecida com alimento para aquele novo ser. Naturalmente, não havia um conceito de pai ou qualquer inter-relação nesse sentido. Como explica o prof. Bernardo, na Série Entre o Céu e a Terra:

“[...] Então era como uma situação mágica, uma situação divina, sobrenatural em que a própria mulher era a deusa, porque ela criava uma nova vida do nada, ela amamentava, e a imagem da amamentação também é divina, pois aparece magicamente, por assim dizer, o alimento daquele bebê. Ela criou uma nova vida, e ela sustenta essa nova vida com os recursos dela sozinha. Então nessa época que é o finalzinho do paleolítico, a mulher é vista como uma deusa, ela propriamente, como uma deusa encarnada, a ideia da deusa é a mulher de carne e osso [...]” (Gregório, entrevista - Série Entre o Céu e a Terra)

De modo geral os homens desenvolviam as tarefas de caçar, pescar e proteger o núcleo matrilinear, pois moravam em cavernas e ainda não dominavam a criação do fogo. Porém já eram capazes de manter acesa as chamas, fruto de um evento natural, como raios ou incêndios, o que era responsabilidade e domínio das mulheres, que, além cuidar da prole, da moradia e do fogo, também desenvolveram a arte da coleta de frutas e raízes, normalmente próximo às cavernas que habitavam, em função dos muitos perigos daquele

tempo, seja pelo ataque de animais, ou por condições climática inóspitas. Com o passar do tempo e do desenvolvimento humano, começaram perceber que novas plantas surgiam no local onde as sementes eram descartadas e seus frutos eram similares aos que haviam consumido antes, e passaram a plantar conscientemente, iniciando assim a revolução agrícola, fundamental para o desenvolvimento da espécie humana. Por analogia associaram a terra à Grande Mãe Terra, visto que produzia vida, assim, naturalmente também era percebida como feminino, e sagrada como mulher. Ainda sobre o fogo, o prof. Bernardo, acrescenta um dado geométrico interessante:

“A este tempo já estamos falando da fase neolítica, onde já se dispensa a necessidade de morar em cavernas, e já se organizam em aldeias. É interessante perceber que o formato geométrico circular das aldeias está intimamente associado a cultura do fogo, inicialmente nas cavernas, pela justa natureza comportamental de nos posicionarmos ao redor do fogo, de modo que a fogueira esteja posicionada ao centro para beneficiar, com luz e calor, um maior número de parti-

cipantes naquele tempo/espço. E quando migram para as aldeias em formação, reproduzem o modelo geométrico, ainda presentes nas aldeias indígenas atualmente [...].” (Gregório, entrevista - Série Entre o Céu e a Terra).

Podemos perceber essa influência e referência geométrica de muitas maneiras, como em alguns níveis experimentados e/ou tentados em sistemas viários de certos centros urbanos contemporâneos, como o complexo viário da Cidade do México, organizado em dois anéis (interior e periférico) e linhas ortogonais – citei o exemplo mexicano pois, por ocasião de uma visita, fiquei imensamente impressionada com o modelo viário para deslocamento entre as cidades no entorno dessa grande megalópole, onde partindo do centro é possível chegar a vários outros núcleos de evasão viária. Lembro que na ocasião, em 2012, no mapa era mesmo possível perceber as disposições num formato de anel periférico. Numa breve e rápida pesquisa para este artigo, infelizmente, encontrei indícios de que a operacionalidade deste modelo implantado perdeu parte de sua eficiência, em função da evolução demográfica, levando em

conta que México DC é uma das maiores cidades do mundo. De qualquer forma, é ainda mais impressionante perceber a extrema mobilidade oferecida por um conceito tão arcaico em torno do modelo geométrico circular, cunhado pelo instinto de sobrevivência humano e altamente recorrente nos muitos símbolos de diversas mitologias.

As manifestações arquetípicas atuam do instinto primitivo do indivíduo às elaborações de conceitos e ideias na vida contemporânea. Em suma, todas as formulações, símbolos e imagens, aspectos e conceitos, interpenetram-se, excluem-se e/ou completam-se, aparentemente independentes uns dos outros. Entretanto, estão ligados a um arquétipo como o da Grande Mãe, por exemplo. O termo “Grande Mãe”, englobado no conceito “Grande Feminino”, pressupõe uma consciência desenvolvida, embasada na reunião de símbolos com carga emocional. Dentro deste contexto, temos:

- “Mãe” - corresponde ao aspecto de maternidade e/ou “maternagem”, assim como a condição psíquica do ego.

- “Grande” – corresponde ao caráter simbólico de superioridade em relação ao que está presente em todas as criaturas.

Jung e Neumann, fazem coro neste sentido:

“Os arquétipos do inconsciente coletivo se manifestam como Jung descobriu há muitos anos, nos “motivos mitológicos”, os quais podem se apresentar de forma análoga ou idêntica em todas as épocas e em todos os povos, e podem até mesmo surgir de forma espontânea – sem nenhum conhecimento consciente – do inconsciente do homem moderno.” (NEUMANN 1996, p.26).

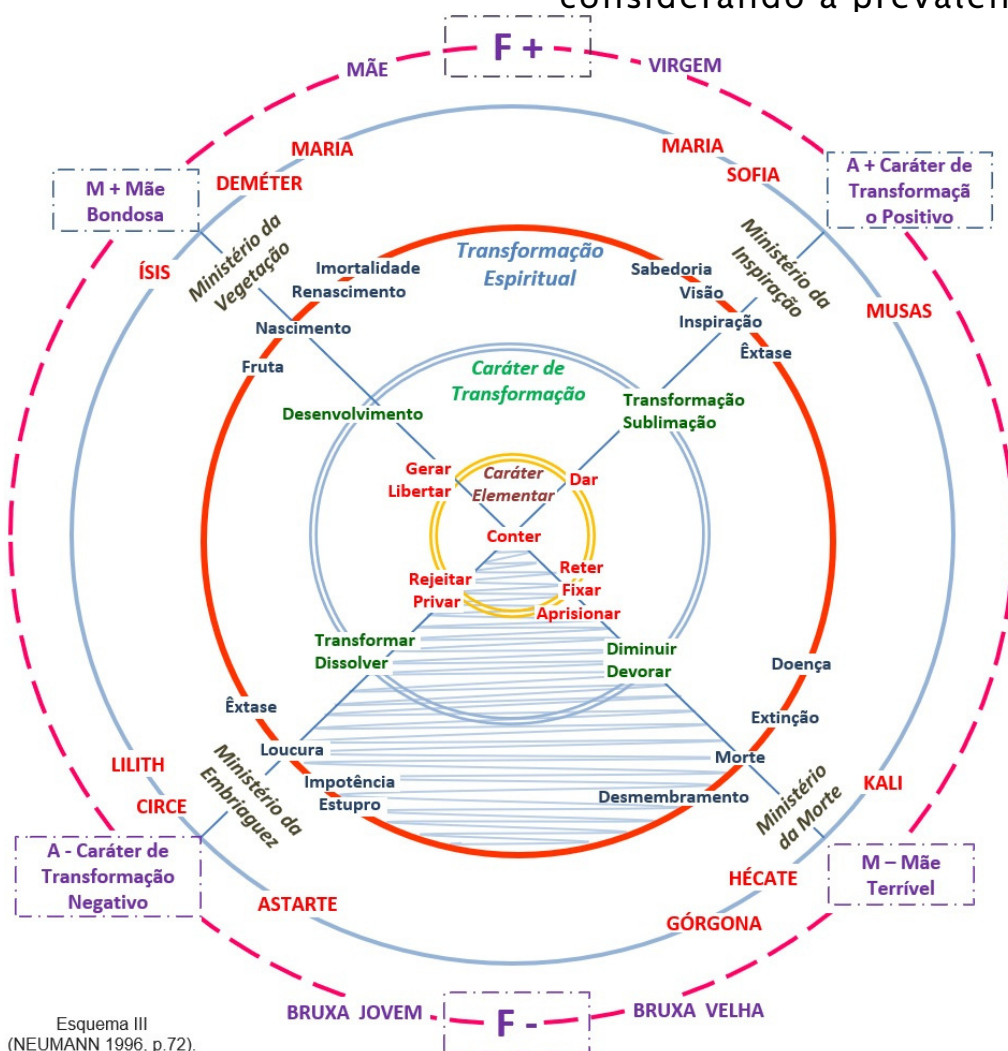
Sacrifício Orgânico – Com o advento agrícola e tudo que se seguiu em função de, e/ou paralelo a este processo evolutivo, o ciclo reprodutivo já não se dava mais apenas e imperativamente decorrente de pico hormonais, outrora denominado cio, mas sim, e concomitantemente, num processo ritualístico, íntimo e intrinsecamente associado a agricultura e, conseqüentemente, aos desenvolvimentos de plantios e toda a economia e ecologia acessível, no

que tange incubação, germinação, nascimento, crescimento, floração e fruto, para em seguida o ciclo ser reiniciado. Tudo indica que nesse tempo tudo era focal, sem perspectivas ou reflexões sobre passado e futuro. Na era matriarcal, segundo prof. Bernardo, nada era imposto, tudo era simplesmente acolhido, tradicionalmente embasado numa ancestralidade arquetípica e funcionalmente operante, pelo inconsciente coletivo. Era quase como se não houve uma percepção de continuidade, mas sim de reinício cíclico. E, como estamos falando de rito, especialmente os ritos arcaicos comumente estão vinculados às demandas de sacrifícios, nas quais o objeto a ser sacrificado, irrefutavelmente, deve sempre ser o melhor, o perfeito, como homenagem e oferenda à deusa e/ou deidades conclamadas, objetivando e resultando em renovação de ciclo de colheitas e retornos abundantes, seja em ofertas agrícolas, ou de caça e pesca, bem como para a geração de novos membros à comunidade matrilinear. Isso significava que o melhor grão era selecionado para o sacrifício de ser enterrado e/ou ofertado para renovação, ou seja, desistia-se de consumir o melhor

alimento para garantir o “sucesso” do ciclo seguinte. Naturalmente, isto também compreendia sacrifícios humanos, de filhos homens e perfeitos, geralmente o filho da líder grupal. Lembrando que filhas mulheres eram poupadas, porque mulheres eram sagradas, próprias deusas de criação. Todavia, serem eleitos aos sacrifícios era motivos de honra diante do todo envolvido.

Esferas Funcionais do Feminino –
 No livro “A Grande Mãe” Neumann nos oferece um estudo bastante

interessante e robusto, abordando as várias facetas em torno do tema, bem como o natural envolvimento no espectro do feminino e matriarcado, além de um rico registro de imagens, com fotografias e ilustrações, permitindo um verdadeiro tour pelas muitas mitologias ao redor do mundo. Neste ensejo, trago um dos esquemas proposto por Neumann, sintetizando o conteúdo explicativo da disposição subdividida entre o Caráter Elementar do feminino, onde prevalece o Maternal, e o Caráter de Transformação, considerando a prevalência da Anima.



Esquema III
 (NEUMANN 1996, p.72).

A Grande Mãe não é apenas provedora da vida, mas também aquela que promove a morte. Ela pode dar amor, assim como suprimi-lo, para demonstrar seu poder e/ou garantir a manutenção sistêmica.

➤ **Caráter Elementar:** subliminarmente simboliza a função do conter, associada à tendência a conservar em si o que gerou, num eterno pertencer e mantê-lo próximo, típico do matriarcado. Ilustrado na figura arquetípica de Mãe Bondosa (M+), vibrando na polaridade positiva, que abrange as funções de:

- Gerar e Libertar;
- Desenvolvimento;
- *Mistérios da Vegetação* (Fruta / Nascimento / Renascimento) que dirige à Imortalidade na Transformação Espiritual.
- Arquétipos do Domínio da Mãe: Isis, Deméter, Maria.

Bem como seu oposto complementar, na figura arquetípica de Mãe Terrível (M-), vibrando na polaridade negativa, que por sua vez, abrange as funções de:

- Reter, Fixar, Aprisionar;
- Diminuir, Devorar;

- *Mistérios da Morte* (Doença / Extinção / Morte / Desmembramento).
- Arquétipos do Domínio da Bruxa Velha: Kali, Hécate, Górgona.

➤ **Caráter de Transformação:** subliminarmente simboliza a função do aquecer e/ou nutrir, enfatizando o elemento dinâmico da psique, colocando em movimento algo já existente e levando a uma transformação. Este caráter também está presente no maternal, e vai se diferenciando. Os dois tipos de caráter não se excluem, ao contrário, estão interligados e integrados desde o início. Entretanto, nesta perspectiva, manifesta-se arquetipicamente através da Anima (A+), vibrando na polaridade positiva que abrange as funções de:

- Dar;
- Transformação,
- Sublimação;
- *Mistérios da Inspiração* (Êxtase / Inspiração / Visão) dirigindo à Sabedoria na Transformação Espiritual.
- Arquétipos do Domínio da Virgem: Musas, Sofia, Maria.

Assim como seu oposto complementar, na figura arquetípica de Anima Negativa (A-), vibrando na polaridade negativa e abrangendo as funções de:

- Rejeitar, Privar;
- Transformar, Dissolver;
- *Mistérios da Embriagues* (Êxtase / Loucura / Impotência - Estupro).
- Arquétipos do Domínio da Bruxa Jovem: Lilith, Circe, Astarte.

Feminino Transgressor – Como citamos anteriormente, os ciclos hormonais que produziam ovulações e gestações eram anuais, a princípio praticado de maneira puramente instintiva, e que, após longo período evolutivo, passou a compor um modelo de manutenção mítica para renovação e continuidade existencial. Pois bem, a certa altura dos acontecimentos, uma das mulheres decide renunciar ao ingresso ritualístico de copulação coletiva, rompendo com o clã e toda a sacralidade em torno do evento, culminando em dissidência, seja por começar a nascer uma espécie de desidentificação com aquele modelo vigente, seja pelo temor do clã em sofrer retaliações e punições em função da deliberada ação transgres-

sora de uma e/ou mais membros comunitários. No entanto, esta movimentação organizacional, promoveu um novo fator até então não experimentado, e resultante do descarte fisiológico do ovulo não fecundado, denominado menstruação. Dada esta evidência de uma suposta punição divina, expressa no sangue menstrual, as mulheres dissidentes são exiladas das aldeias e passam a viver nas florestas. Longe das comunidades, muitas não resistem, mas tantas outras se adaptam, desenvolvendo novas formas de sobrevivências, inclusive através da botânica e/ou domesticação dos gatos, começando a inexorável correlação com a chamada bruxa, pelo simples fato de aprenderem a usar recursos que a maioria desconhecia, capazes de promover curas e/ou mortes. O prof. Bernardo coloca de uma maneira bastante interessante, que essa mulher ancestral de certa maneira, num dado momento, rompe com essa grande deusa que rege os ciclos anuais, e estabelece vínculo de devoção e de cumplicidade com uma deusa lunar, aparentemente dando início aos ciclos menstruais, que ainda experimentamos nos dias de hoje.

É impressionante perceber a influência arcaica tão viva e presente em tantas culturas, registradas em tantas narrativas mitológicas, algumas ainda vivas e operantes em povos, religiões e costumes em pleno século XXI. Concordam?! Durante a última década, tive a grata felicidade de apreciar em três ocasiões distintas a peça teatral “A Alma Imoral”, baseada no livro homônimo de Nilton Bonder, que, diga-se de passagem, por sua vez, também é fundamentado nos textos bíblicos. E, organicamente, como tinha que ser, a cada experimentação, algum ou alguns temas, dos muitos abordados na peça, ganham evidente relevância nas percepções das plateias. Para este estudo, pincei duas passagens para ilustrar este ponto do artigo:

- Num episódio histórico, quando os romanos invadiram a Palestina, entre suas práticas de dominação, as mulheres dos povos conquistados eram sistematicamente estupradas, com a finalidade de aniquilar e/ou deturpar a linhagem dos povos, mitigando resistência à dominação romana. Entretanto, o povo judeu, através destas mesmas mulheres violentadas, oferecendo resistência, re-

siliência, numa nítida ação transgressora, e para dizer o mínimo, numa atitude da preservação de um povo, fundamentalista alicerçado em bases do patriarcado, mas acima de tudo atentos e ciosos a manutenção e continuidade de seu povo, modificaram uma de suas bases angulares, assumindo a matrili-nearidade, ou seja, a partir de então, fica instituído que, é judeu, aquele que nasce de uma mãe judia, quebrando um dos principais parâmetros do patriarcado ancestral deste povo.

“É no período da invasão romana da Palestina que os judeus fazem uma importante modificação em sua lei. Até então seguindo uma tradição patrilinear, em que os direitos, títulos e identidade eram passados de pai para filho, o judaísmo se tornou matrilinear, ou seja, as relações entre uma geração e a seguintes se estabeleciam de mãe para filho. Para um judaísmo calcado em seu texto bíblico patriarcal, esse novo “correto” para a lei exigia a existência de algum novo “bom” muito significativo que justificasse uma mudança tão radical e com tantas implicações.” (Bonder 1998, p. 98)

Não menos transgressor, vamos abordar outro ponto da peça/livro teatral. Pois bem, em outro episódio bíblico, em que Sodoma e Gomorra foram destruídas e apenas a família de Lot é poupada. Porém, a esposa de Lot, durante a fuga, negligencia a orientação de não olhar para trás, e é transformada em sal. As filhas do casal, crendo que a hecatombe havia tomado todos os lugares, e acreditando não haver outra solução para dar continuidade à linhagem do pai, já velho, armam um arдил, embriagando-o e deitando-se com ele. Geram filhos / netos, a princípio seguindo o preceito bíblico de continuidade patrilinear, mas concomitantemente, infringindo em incesto transgressor.

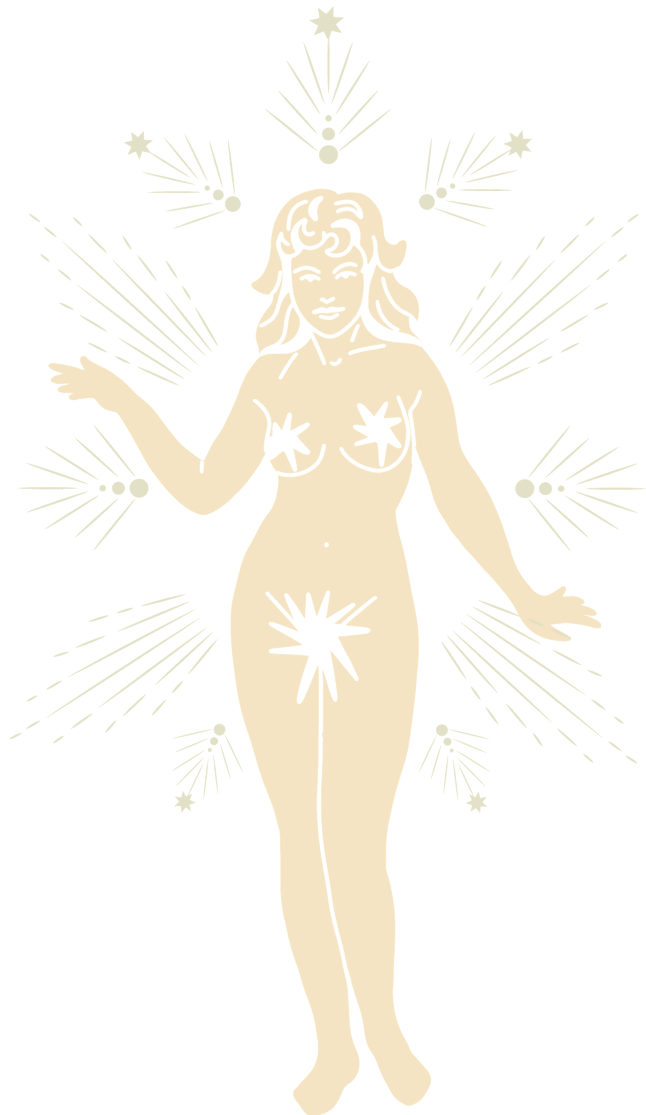
"Em termos bíblicos, estavam dando continuidade à semente do pai, cuja preservação estava ameaçada. [...] As filhas de Lot haviam salvo a continuidade tanto do pai como do povo. A solução encontrada, no entanto, é um incesto transgressivo das leis da própria Bíblia. O "bom" que é a preservação da espécie fica aqui salvaguardado por um novo "correto" com que é a

traição da própria lei, mas que o texto bíblico não condena ou julga. Estava iniciada uma das linhagens da descendência de David e, por consequência, do Messias." (Bonder 1998, p. 101)

Notem que já não estamos mais falando de ainda não humanos, na verdade esse tempo bíblico/histórico já é bem próximo cronologicamente, do que denominamos era cristã (AC/DC). E me atrevo a instigar-vos com uma pergunta paradoxal: Será que já estamos livres de não sucumbir à suposta condenação incestuosa, mediante um aniquilamento existencial?

E quando o assunto é transgressão, como deixar Lilith de fora, não é verdade?! Há muitas narrativas de mito de criação, e de modo geral o ocidente, especialmente os povos desenvolvidos nas bases de crenças judaicas-cristãs, tem ao menos notícias de Lilith, supostamente a primeira esposa de Adão, expulsa do paraíso. Engelhard, dentre outras demandas, nos apresenta umas das contendas que culminou na expulsão dessa nossa transgressora primordial:

"Lilith é essa mulher da primeira vez, que, cheia de saliva e sangue, assusta Adão. Esse sangue se relaciona ao aspecto fisiológico, vital, instintivo do ser feminino, o seu aspecto carnal, o sangue menstrual. É a sexualidade livre de tabus e proibições, que pode ser vivida mesmo durante o período menstrual. Quanto à saliva, é uma secreção erótica de caráter claramente



sexual, que se extravasa no beijo profundo, essa troca espiritual vital entre os seres." (Engelhard 1997, p. 32)

Breve Abordagem da Transição – Muito bem, retomando a dinâmica sobre o matriarcado e considerando milênios dessa rotina arcaica, o processo evolutivo suposta e conseqüentemente, capacitou fisicamente o homem, dotando-o de maior força e robustez, até viabilizar e produzir a alteração de poder. Como já mencionado, o matriarcado não era impositivo, mas sim orgânico, natural; já o patriarcado lança mão de imposição pela força, estabelecendo regras de contenção e conquista, seja internamente, em relação as mulheres, seja para com as tribos e agrupamentos vizinhos, no melhor estilo do invadir, submeter/subjugar e conquistar, concomitantemente ao desenvolvimento de acumulação de bens e de uma ideia, que podemos perceber conceitualmente, como direito a heranças. E, neste sentido, faz-se necessário uma reorganização núcleo-familiar, na qual, finalmente, se constela a ideia de pai e de linhagem patrilinear, ou seja, insurge um forte movimento de suplantação

do Matriarcado, como a determinação de mulheres só copularem com o mesmo homem, garantindo que os filhos desta mulher fossem exclusivamente deste parceiro, obviamente impetrando medidas para domesticar o ímpeto transgressor das mulheres, que neste momento começam a experimentar submissão, orquestrada e imposta pelo Patriarcado. Lembrando que a tal regra era destinada às mulheres; quanto aos homens, dependia de sua capacidade de conquista, no bom estereótipo cartunista, do homem das cavernas puxando a mulher pelos cabelos!

Maternidade como Possível Função Existencial

Ao longo do desenvolvimento humano essa demanda sociopolítico-cultural passou por ajustes, freios e contenções, mas inexoravelmente servindo de estrutura basal e fomentando as diversas mitologias e religiões regionais, o que em maior ou menor graus, perspectiva, local e/ou situação, ainda vibram e ressoam atualmente, suplantando o PATRIARCADO sobre o MATRIARCADO. Nem precisaríamos sair do Brasil, mas para ilustrar, ofe-

recendo algum distanciamento, cito o Podcast “40 semanas”, produzido pela Folha de São Paulo, mencionando alguns pontos dos relatos de brasileiras casadas com homens de outra nacionalidade e morando em outros países, em ocasiões de gestação e parto.

“O 5º episódio do podcast 40 Semanas fala sobre diferentes experiências de gestação e parto mundo afora. Brasileiras que tornaram-se mães ou trabalham na área médica contam histórias de países como Japão, Marrocos, Portugal, Nova Zelândia e Arábia Saudita.” (Descrição do Podcast 40 semana, Folha de São Paulo, 5º Episódio)

Fiquei especialmente sensibilizada com algumas situações, que aos olhos de uma latina, beira negligência e descaso humanitário, como as ocorridas em Marrocos e Arábia Saudita, citados no podcast, que em função dos preceitos religiosos fundamentalistas e estruturadas nas égides de um patriarcado ancestral, e com todo o respeito, absolutamente ultrapassado, ainda hoje é terminantemente proibido a presença de homens, seja marido ou profissionais da saúde, em alas femi-

ninas, cujo depoimento de uma das entrevistadas, gestante em trabalho de parto e sem falar o idioma local, fica submetida a uma verdadeira violência médica assistida, no âmbito físico, psicológico e porque não dizer, também espiritual.

Todos os casos citados neste episódio do podcast, em algum nível, carregam peso ancestral, seja pelo fundamentalismo religioso ou preceitos que de alguma forma desqualificam pessoas e/ou atitudes em detrimento de algum parâmetro estipulado, como no Japão, que um parto submetido a cesariana, mesmo em caso de risco para mãe ou para o bebê, recebe uma certa conotação de fraqueza, ultrapassando o limiar físico.

"Repetia-se uma descoberta feita já nos tempos de Adão e Eva: a preservação da espécie depende da obediência e desobediência ao status quo, ou às desobediências à moral animal de um momento. A moral de Adão e Eva, que os proibia de provar da árvore, precisou ser rompida para a verdadeira continuidade da espécie humana pudesse ocorrer." (Bonder 1998, p. 99)

Retomando a perspectiva mitológica, embora não seja a única manifestação relevante neste gigantesco manancial, é quase impossível, ao menos do ponto de vista ocidental, falar de maternidade em mitologia sem abordar o mito de Deméter (mãe) e Perséfone (filha), que, entre outras relevâncias, representa o sofrimento materno provocado pelo "ninho vazio", podendo indicar às mulheres como se comportar mediante as perdas existenciais, principalmente por ocasião do afastamento das filhas. Essas deusas personificam mulheres que experimentam significativas rupturas psicológicas com elos estruturais básicos, que favorecem mudança e podem servir de mecanismos para as necessárias transformações femininas. Deméter e Perséfone são arquétipos que constelam alguns opostos complementares, em suas respectivas expressões, manifestações e necessidades, entre outros, de:

- Casamento (versus) Separação na hora certa;
- Alimentação (versus) Dependência;
- Superação dos conflitos pessoais (versus) Vitimização;

Percepção do que acontece com as pessoas (versus) Recolhimento meditativo na fase de amadurecimento.

Deméter congrega sentimentos instáveis, intuições proféticas, receptividade irracional, sensibilidade à natureza, memória coletiva. Essa deusa simboliza a transformação feminina nas três fases existenciais sumamente importantes: puberdade, maternidade, e menopausa, etapas que Neumann identifica como “mistérios de transformação ligados ao sangue”.

O maior valor desse mito está nas transformações e no significado simbólico das perdas femininas, tanto quanto, na superação das mortes psíquicas que, efetivamente, a mulher enfrenta, vez por outra.

- por isso raptada por Hades (deus dos infernos, submundo).
- A segunda perda é a de um filho para a morte, para o casamento ou para o mundo, simbolizada pelo “fruto maduro”, cuja dor materna, supostamente, é maior quando se trata de uma filha. Essa fase é vivenciada pela mulher como depressão do “ninho vazio”. Coré foi raptada pela morte (Hades), uma alusão mítica ao casamento. Portanto, a aproximação do masculino significa uma violação do laço simbiótico mãe-filha. O primeiro encontro sexual com um homem é o mais profundo mistério de transformação para a mulher, trata-se de um desvelamento ritual bastante significativo, que vai selar seu destino com relação à alteridade.
- A terceira etapa é a perda da fertilidade, simbolizada pela “semente”, rito de passagem para uma etapa áurea da vida, muitas vezes denominada de Sofia — sabedoria da mulher madura — um período vivido com muita angústia. O mito ensina que se deve destruir a sombra do paraíso infantil perdido, sacrificar (sacrum

- A primeira é a perda da inocência infantil, simbolizada pela “flor” - também conhecida como a “morte da donzela” interior - que acontece na primeira menstruação. Essa etapa existencial expressa-se, simbolicamente, no momento em que Coré (Perséfone adolescente) se lança para colher flores, sendo

facere, “tornar sacra”) a inocência e reconhecer que se traz dentro de si o poder aventureiro de conquistar a vida individual. Isto está designado pela força arquetípica do herói e da heroína, da maternidade e da paternidade. A mulher e o homem maduros devem aceitar a nova fase da vida com criatividade. Deméter, em sua narrativa mitológica, aproveitou esse tempo para transmitir sabedoria aos homens, principalmente ao jovem.

O retorno do reino de Perséfone só é possível com a reintegração dos conteúdos reprimidos e/ou negados à consciência do ego pelos ditames patriarcais, o que representa para a mulher lutar contra o apego à mãe, os impulsos agressivos, as iniciativas sem reflexão, a possessão do animus negativo, a negação da natureza erótica, bem como contra a complacência maternal excessiva pelo outro. A libertação de tudo isso oportunizará a renovação, reconhecendo que a grande conquista na individuação feminina é confrontar-se com os medos, entendê-los e transformá-los, sendo muitas vezes impossível evitar o sofrimento, embora favoreça ao indivíduo o ca-

samento simbólico consigo mesmo. As mulheres modernas protagonizam mitos em suas jornadas existenciais, fazem escolhas, subsistem a todo tipo de provação, de privação, de crueldade, de abuso sexual, de carência afetiva, de compadecimento, criando possibilidade de salvação, reagindo no presente e programando o futuro, conscientes de que são falíveis em meio às turbulências da vida, mas que são capazes de mudar o curso de suas histórias.

Maternagem

Caro leitor, não sei se já está claro para todos o conceito maternagem. Qual será a diferença entre maternidade e maternagem? Você já parou para refletir? De maneira bastante sucinta, me atrevo uma última vez, na tentativa de oferecer esclarecimentos.

- Maternidade = qualidade ou condição de ser mãe, laço de parentesco que une mãe e filho. Fisiológico.
- Maternagem = cuidados próprios de mãe, materno, afetivo, dedicado, carinhoso e maternal. Integral, podendo contemplar o fisiológico.

Assim se classificam os dois termos, maternidade e maternagem, que, embora bastante semelhantes em suas descrições, são diferentes em essência. Ambos possuem características arquetípicas e instintivas.

A maternidade é uma característica única feminina, de consequências instintivas e arquetípicas, podendo o aspecto arquetípico ser sombrio e transformar a mulher numa mãe devoradora, destruidora, não maternal; mas a maternagem se caracteriza muito mais por uma característica arquetípica com apelo instintivo primordial, assim aquela(s), ou aquele(s), que exerce a maternagem possui sempre a característica de servir, de devoção, mas não nos enganemos, pois também aí encontraremos os aspectos sombrios daqueles que usam deste recurso para, abusando do poder, exercer o mal e a destruição. Ser mãe é uma condição sempre física e nem sempre optativa, mas a maternagem é sempre uma escolha, um desejo de servir que existe nas mulheres e nos homens que possuem uma relação de influência por sua alma – resumindo muitíssimo o conceito alma: é o feminino interior no masculino –. Maternagem é cuidar, dedicar-se por

amor. Embora o conceito derive da mesma raiz não significa, em absoluto, que toda mãe é maternal. As pessoas maternais são aquelas que abraçam as grandes causas, preocupam-se com todos os seres. Entretanto, as pesquisas da filósofa Elisabeth Badinter revelam que:

Na França, mas não é exclusividade apenas deste país, havia um costume das mães entregarem seus bebês às amas mercenárias, porque, inicialmente, alguns consideravam a amamentação um gesto de primitivismo animal. As mais ricas contratavam amas para morarem nas suas casas, e numa certa cronologia histórica, também as mulheres mais pobres, inclusive as que exerciam a função de amas, enviam seus bebês recém-nascidos às amas mercenárias mais pobres.

“Mas é no século XVIII que o envio das crianças para a casa de amas se estende por todas as camadas da sociedade urbana. Dos mais pobres aos mais ricos, nas pequenas ou grandes cidades, a entrega dos filhos aos exclusivos cuidados de uma ama é um fenômeno generalizado.” (BADINTER 1985, p.67)

Há registros desta prática desde o século XIII, e ainda é possível encontrar registros até meados do século XX, seja por famílias aristocratas ou por famílias que precisavam se ocupar de trabalhos, como das classes operárias, artesãos, entre outras. Lamentavelmente, muitos bebês morriam já no precário transporte, feito em carroças com outros bebês. Essas amas trabalhavam no campo o dia inteiro e deixavam os bebês fortemente enfaiçados, e muitos pendurados, para não serem incomodados pelos animais. Consequentemente, acabou gerando preocupante problemas de saúde pública e demográfica.

Em Paris: “Em 1780, na capital, em cada grupo de 21 mil crianças que nascem anualmente (numa população de oitocentos a novecentos mil habitantes), menos de mil são amamentadas pelas mães, mil são amamentadas por uma ama em domicílio. Todas as outras, ou seja, 19 mil, são enviadas para a casa de amas. Dessas 19 mil confiadas a amas fora do teto materno, duas ou três mil, cujos pais dispunham de rendimentos cômodos, deviam ser colocadas nas proximidades de Paris. As outras, menos afortunadas, eram relegadas

para longe.” (BADINTER 1985, p.68)
“Ademais, a mortalidade das crianças pobres confiadas a amas, e a quantidade das crianças abandonadas, continua considerável no século XIX. Na década de 1850, a mortalidade global das crianças de menos de um ano é ainda superior a 16%. Francisque Sarcey afirma que, dentre 25 mil crianças entregues a amas, morrem 20 mil.” (BADINTER 1985, p.227)

Conforme a região, até 80% dos bebês morriam até os quatro anos de idade, quando finalmente voltavam para a casa de suas mães. As mães de famílias abastadas logo contratavam uma governanta, depois um preceptor para encaminhá-las ao internato, de onde saíam para o casamento. O governo francês percebeu a falta de crianças e fez uma campanha imensa para mudar a maternagem, desenvolvendo o tipo de mãe dedicada - devotada, algumas sacrificando a própria existência, e que ainda podemos identificar atualmente.

Com a emancipação da mulher, a maternagem ficou prejudicada. Não somente pela ausência física e afetiva, mas pela falta de conhecimentos educativos. Geralmente, a mãe sente-se culpada por

ficar tanto tempo longe do filho e tenta compensar agradando-o em demasia, atrapalhando assim a educação, pois o filho aprende a ser um “amado tirano”, que, de certa forma, comanda a vida dos adultos à sua volta. Faz mais falta o desconhecimento de como educar bem, do que o tempo de convivência com o filho. O problema não está na mãe trabalhar fora, mas em não saber administrar esta ausência, na particular e transitória situação de ser mãe de filhos, especialmente, na primeira infância.

Quanto mais novo e mais incapaz for o filho, mais cuidados ele requer da mãe. Entretanto, é a mãe que tem que saber que educar não é criar o filho para si – como percebemos no estudo do mito Deméter –, mas prepará-lo para ter autonomia comportamental, independência financeira e cidadania ética, que obviamente refletirá na saúde, tanto física quanto psíquica, dos seres e na sobrevivência de toda forma de vida.

Maternagem consciente é tornar o filho (e/ou indivíduo ou grupo que recebe cuidado) independente dela (e/ou dele, e/ou instituição, e/ou estado), ou seja, tudo e todos que

exercem, de alguma maneira, a maternagem devem estar atentos ao trato filial. Ampliando nossos horizontes, vemos que é exatamente do que precisamos para equilibrar esta sociedade tão racionalizada, tão carente de cuidados, de afeto e serviços amorosos, tão dependente e muitas vezes personificando os “amados tiranos”, que de certa forma comandam a vida dos adultos e/ou dos cuidadores maternos à sua volta.

E para concluir este artigo amplo, denso e por vezes polêmico, registro aqui dois recortes de um programa de entrevistas, cujo nome é nada menos que “PROVOCA”, devidamente referenciado, mas cuja contextualização se faz necessária. O apresentador e repórter Marcelo Tas, largamente conhecido na mídia brasileira, entrevista o fotojornalista e correspondente de guerra, André Liohn. A entrevista toda é interessantíssima, mas fiz recortes milimétricos, na firme intenção de arrebatamento pela, inicial suposta, dicotomia da fala sensível, acolhedora e genuinamente humana na voz de um fotojornalista de guerra. E isto se destaca por não ser mera pesquisa do tema, mas da voz e olhar de alguém que se propõem a,

de fato, ver, acompanhar e registrar as histórias de pessoas que estão, literalmente, experimentando guerras em lugares inóspitos de nossos dias, inadvertidamente atuais.

Tas: “Aparentemente, esta situação não tem saída?”

Liohn: “Não acho que seja um beco sem saída, agora é hora do povo se unir, mas se unir de forma boa. Praticando o bem, sendo generoso... parece absurdo dizer isto agora [...], é quase como a ‘violência’ de Gandhi [...]”

Tas: “O que a guerra te ensinou sobre este ‘bicho’ ser humano?”

Liohn: “O ser humano, eu acho que é um bicho lindo, cara! [...] Eu acho que na verdade, é o único bicho que a gente tem que tratar bem. Porque se a gente tratar bem o ser humano, todo o resto funciona bem também, mas tratar bem, de verdade, não tratar bem, no sentido de privilegiar [...]”

Tas: “Mesmo, se este ser humano não parecer muito humano?”

Liohn: “Não acho que seja assim, eu acho que a gente nasce, e depois a gente vai ficando ruim.”

[...]

Liohn: “A nossa melhor arma é a empatia, o que nós melhor podemos fazer é estar atentos à nossa própria empatia.”

Todos os trechos, mas em especial a última frase, é intrinsecamente arrebatadora. Se estivéssemos genuinamente afinados e afinizados com o cerne que ela representa, seria vã e absolutamente desnecessário tudo o que estudamos e tratamos neste artigo.

Olhando com o devido distanciamento para as diretrizes da Maternagem e Maternidade, bem como para as demandas do Matriarcado e Patriarcado, espero ter contribuído para uma perspectiva menos personalista, seja qual for a sua perspectiva. Ambos contribuíram e continuam essenciais ao desenvolvimento humano, as peijas estão nos extremos, mas, à medida que fazemos concessões, empaticamente, passamos a ser dotados de equanimidade, o que de maneira alguma despersonaliza suas respectivas naturezas arquetípicas.

Mais uma vez despeço-me, agradecendo a viagem e a oportunidade desse aprendizado. Preciso finalizar, mas o tema vai muito além do exposto aqui. Por favor, continuem, pesquisem, estudem, conversem com outras pessoas a respeito... E troquem conosco tam-

bém suas impressões... Na seção Panteão de Colaboradores, ali, no final da revista, constam os contatos de todos os colaboradores. Sejam muito bem-vindos!

Até breve!

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BONDER, Nilton. A Alma Imoral: Traição e tradições através dos tempos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 1963.
- NEUMANN, Erich. A Grande Mãe – Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. São Paulo, SP: Cultrix, 2006.
- PIRES, Valéria Fabrizi. Lilith e Eva – Imagens arquetípicas da mulher na atualidade. São Paulo, SP: Summus, 2008.
- _____ In:COLONNA, Florença M. T. "Lilith, ou Lua Negra". Journal of Analytical Psychology, v.25, n. 4, out, 1980, p. 325-49.

- _____ In:ENGELHARD, Suely. "O renascer de Lilith." Revistada Sociedade de Psicologia Analítica, n. 15, São Paulo, 1997, p. 28-41.
- _____ In:MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. Mulher: feminino plural. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempo, 1998.

Sites acessados entre 05 e 08 de Abril 2021:

<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.073/343>>

<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Neol%C3%ADtico>>

<<https://www.historiadomundo.com.br/pre-historia>>

<<https://diplomatique.org.br/o-homem-pre-historico-tambem-era-uma-mulher/>>

Podcast: 40 Semanas – Apresentadores: Melina Cardoso e Renan Sukevicius – Veículo: Folha do S. Paulo – Fala sobre as ocorrências durante a gravidez – <<https://open.spotify.com/show/57wTgodmcV7r7RYJm2UwpZ>>

Especificamente citado no artigo: 5º episódio: <<https://open.spotify.com/episode/55AYgLK7UqLyctbEB9K8IV>>

Programa de Reportagem: Provoca – Apresentador: Marcelo Tas – Emissora: TV Cultura – Convidado entrevistado: André Liohn (Fotojornalista e Correspondente de Guerra) – <<https://www.youtube.com/watchv=gZw9aOddGvY>>

Série Entre o Céu e a Terra – Entrevista do Professor Bernardo de Gregório – <https://www.youtube.com/watchv=2uDYSwitcCY&list=PLe_B1AmZvQBxL_Uw9VopeqVPV2zdQrVWF&index=5>

“DESTA VEZ, A CASA NÃO SAIRÁ DE ULISSES:

A CASA VIROU O MUNDO OU
O MUNDO VIROU A CASA – DE PERNAS PARA O AR!”

POR MARCOS FERREIRA-SANTOS

*do vale à montanha
da montanha ao monte
cavalo de sombra
cavaleiro monge
por quanto é sem fim
sem ninguém que o conte
caminhais em mim.
(Fernando Pessoa)*

Ulisses não sairá de casa... Nos diz o curta-metragem, "Desta vez Ulisses não sairá de casa" de Rogério Almeida (FE-USP), Hemeroteca Produções, 2020, 13:30, rodado em Portugal, integrante da 16ª edição da Mostra Internacional do Cinema Negro.

Amigo e professor da Faculdade de Educação da USP, a quem tive o privilégio de acompanhar a trajetória e compartilhar textos, livros, canções e algumas taças de vinho em conversas epicuristas, Rogério de Al-

meida é investigador da filosofia trágica, do imaginário, do cinema e autoformação, poeta, escritor e músico. Com um belíssimo trabalho sobre o imaginário de Fernando Pessoa em seu doutoramento, publicado como "O criador de mitos: imaginário e educação em Fernando Pessoa" (Educ, 2011), e sobre a filosofia trágica em sua tese de livre-docência: "O mundo, os homens e suas obras: filosofia trágica e pedagogia da escolha" (Feusp, 2015). Hoje coordena o Lab_Arte e segue, errático, mas não sem horizontes, uma linhagem de alta estirpe de pensadores independentes, autônomos e criativos.

Seu curta-metragem entrelaça de maneira primorosa a mitologia, a música e o cinema: três linguagens míticas por excelência que nos reco-

locam na trama existencial em que notas novas arpejam e ressoam em um velho instrumento: a ancestralidade.

Ele nos diz deste Ulisses, hoje deprimido e depravado, em dia com o imposto de renda e devendo ao amigo que faz tempo não vê... Ulisses domesticado. Astuto, engana e mata; amante, se perde do caminho; errante que viaja sem destino; faminto, devora monstros; não tem medo da morte. A saga termina quando volta para casa. Ulisses é todo mundo e ninguém.



As cenas de viagem não são ilustrativas. São o texto. O texto é pré-texto... condição básica para um encontro. Tal qual o reflexo da câmera no vidro da janela do trem...

Ou ainda a nostalgia lusitana do viajante sobre os telhados róseos de

Lisboa: o porto de Ulisses.. Ulisses bo... Lisboa, na corruptela do belo latim vulgar que vai dar no apaixonante português lusitano entregue ao mar, e ao mar aberto com a saudade de quem nunca partiu. Ou a saudade do marinho audaz e imigrante fugido de Salazar. Ou, ainda, rebento da Revolução dos Cravos, que, ainda que movido por militares, teve a participação intensa da população, desde os não tão velhos refrãos de “Grândola, Vila Morena” de Zeca Afonso (1971), três anos antes da própria revolução (1974), e que serviu de senha para o movimento:

*Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola, Vila Morena
Terra da fraternidade
Terra da fraternidade
Grândola, Vila Morena
Em cada rosto igualdade
O povo é quem mais ordena*

Ardente nostalgia nos arpejos de um destino cruel sobre os ombros. Ou melhor, ouvindo um fado por sobre os ombros do garçon de alguém que canta e sofre ao modo de Amália Rodrigues, das cordas da guitarra portuguesa em trinados agudos a pe-

netrar no coração de quem pode ainda escutar as heranças mouriscas de um cantar que flexiona a própria alma pela garganta, tal qual um moezin no alto do minarete do sentimento. De um jeito lusitano de incorporar o espírito sufi, anarquista, pobre e remendão. Mas, se bem-educado, com um destino mais benevolente, com sotaque francês, será professor ou empresário, com trejeitos franceses, paladar francês; ainda que a mesma Amália nos tivesse advertido:

*“Lisboa, não sejas francesa
Com toda a certeza não vais ser feliz
Lisboa, que ideia daninha
Vaidosa, alfacinha, casar com Paris*

*Lisboa, tens cá namorados
que dizem, coitados, com as almas na
voz*

*Lisboa, não sejas francesa
Tu és portuguesa, tu és só pra nós
(Raul Ferrão & José Galhardo, 1955)*

Lembro de Adorno ao falar da regressão do ouvido, agora desleixado e diminuto, que, pela indústria fonográfica, entregue à esquizofonia, acredita no que ouve sem sentir a vibração da interpretação, do intérprete com seu instrumento ou sua voz. Aliás, onde ele estaria agora? Provavelmente não saiu de casa, e gravou pela internet a obra que agora se escuta na playlist do smartphone. Sem saber quem era, sem saber do



Ulisses y Penélope (Museu do Louvre), terracota procedente de Milo (450 a.C.). Disponível em: <<http://es.wikipedia.org>>. Acesso em: 21 set. 2011.
Penépole e os pretendentes, de John William Waterhouse, de 1912. Disponível em: <www.jwwaterhouse.net/>. Acesso em: 21 set. 2011.

que se trata, sem ler sua dedicatória, sem saber de sua jornada, o consumidor ou usuário (nunca deixou de ser algum tipo de droga) ignora o que seja a obra. Não saiu de casa. Por causa da pandemia ou da preguiça. Ou da falta de financiamento. Não que seja preciso a biografia tagarelante do compositor ou intérprete, ou a crítica ciumenta de algum crítico inconformado, mas conhecer minimamente do que se trata a obra ajuda nos filtros necessários para poupar os ouvidos e a alma dos poluentes não-biodegradáveis despejados no mundo da (des)informação fácil.

O fato é que a saga foi suspensa. E ele, o intérprete ou o viajante, teve que ficar em casa. Entregue à fantasia do “se fosse, o que seria?”. E vive, e sente, e se emociona como tal... As imagens ajudam neste imaginário da ausência de ação. Já não falamos em ausência de ser, existência, ausência do ser amado, mas na ausência da ação. Inércia que se articula com a anestesia: a incapacidade de estesia. Eles ficaram em casa e a casa é pequena. Apartamento talvez. À parte do mundo. Hoje, talvez mais importante do que à própria época do romantismo alemão, os bildungsro-

man (romances de formação) sejam tão necessários, na falta da experiência, da viagem, da saga... Uma experiência emprestada.

A janela ajuda...

Mas, e a constante travessia? Homericamente, há um detalhe importante no castigo à soberba de Ulisses, que riu dos deuses, vangloriando-se de sua astúcia ao derrotar Tróia. Ah... trinta anos de perdição pelos mares, sem voltar à casa. Mas, no meio da travessia, necessária, mas castigo divino, ele encontra Circe, e em seus braços adormece, na ilusão de uma vida sonhada por anos a fio. Só a lembrança de Penélope, em casa, lhe esperando, a fiar e desfilar o tecido do tapete da promessa a um novo pretendente, subterfúgio e malogro ensinados pela astuta, sábia e apaixonante Palas Athena das tecelãs, é que lhe desperta. Num dado momento, para a continuidade da volta à Ítaca.

Como sair do sono virtual dos braços de Circe? Tudo à mão, confortável, prazeroso, sem trabalho exaustivo, como que desfrutando da

ambrosia dos deuses em noites de paixão e êxtase. Para que sair do sonho? E então vemos o Ulisses moderno, gordo, sentado na frente do computador, espremido no metrô, cristão ressentido, nutrindo ódios no silêncio da aquiescência. Guiando Telêmaco no parque, divorciado de Penélope, de quem maldiz o tempo todo. Esse Ulisses, além de cristão, criacionista fervoroso, fundamentalista surdo, virou terraplanista, xenófobo, homofóbico, toma cloroquina com medo da pandemia que diz não existir, árduo defensor da pátria (aliás, qual será sua pátria?), da família (qual família mesmo?) e da propriedade. Me lembro de Mahatma Gandhi dizendo que todo aquele que possui o que não precisa é um ladrão. No mesmo jôro de imagens-lembranças, uma deliciosa e trágica charge de Henfil, com um índio perguntando ao velho “TFP”: “Oh TFP, tu vais defender também a minha tradição, a minha família e a minha propriedade?”. Odisseia que nos revela, hoje, um Odisseu que odeia e que é mais odiado do que Odisseu.

A trilha sonora de Rogério de Almeida, também músico e compositor, com o qual divido os liames infindáveis entre o imaginário

e o mito como estrutura musical, e que o destino, benevolente, lhe possibilitou também construir seu pré-texto com o texto musical que até aqui vem se estruturando em cânones medievais e contrapontos em antífonas, perfilando a constelação greco-medieval da constituição da saga de Ulisses entre as vagas sonoras de um mar que se abre à quilha e por vezes se tranquiliza na distância de uma harmonia ainda canônica, na visão que se tem do mar. Predominância grave e profunda que está, apenas e tão somente, à superfície da saga. E agrada às primeiras impressões da antiguidade, mesmo que diga ao tempo todo, da atualização moderna e engravatada da saga. Impasse musical e textual. Existencial e antropológico. Um cidadão comum e pacato, diria um velho amigo, que talvez seja mobilizado pelas imagens.

A janela ajuda...

O mundo é grande, diria Drummond.

Desta vez Ulisses não sairá de casa



Ah... o Castelo de São Jorge... Marca medieval no meio da cidadina polvorosa dos andares apressados, nunca sabendo para onde e por que vão. Mas, vão. A nostalgia no sangue, mas não há mais tempo para prestar atenção. Porém, o castelo está lá. Altaneiro e perene (graças à preservação do patrimônio histórico), a perseverar um tempo que não mais existe. Nem de Ulisses, na Odisséia, nem de geórgos (o trabalhador da terra, origem grega dos nomes Georges, Jorge, etc), agricultor exsudado de sua roça na Capadócia para defender a cristandade contra os

pagãos, personificados no dragão. Lembre-se que dragão em grego é "delphina", o mesmo nome para útero. O que sempre me levou a ver a velha iconografia da luta com a lança, de São Jorge na Lua (evidentemente, ao clima anímico), que se trata de uma cópula. Uma dança nupcial entre o agricultor e o útero da terra, mediados pelo seu falo feito lança cravando na terra sua dominância. Seria interessante hoje pensar esta mesma imagem em sua realidade às avessas: o dragão cavalgando por sobre geórgos com sua lança ereta, num prazer mais anímico e menos

machista.

Mas, o castelo está lá... lusitanamente atestando a velha saudade lusófona.

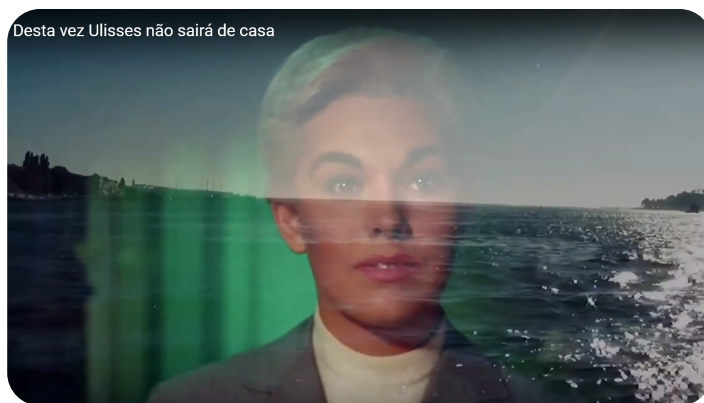
Ulisses, homericamente, retorna e mata os pretendentes, travestido de mendigo. Somente o cão o reconhece. Depois da matança, haveria clímax para uma noite de reencontro com Penélope? Nosso autor, muito astuto nos questiona: sofriram de flatulência? Perdurou a ereção? Copularam no tapete cheio de sangue? Haveria tanto amor ainda nos corações depois de tanto tempo de ausência?

Uma frase indiana me vem de súbito: “a saudade de ti não se preenche com tua presença”.

A construção musical textual de Rogério de Almeida aqui se abre ao minimalismo da alma listrada do piano. Tal qual uma Nina Simone branca e caucasiana. Pena que não explore seu canto à margem das teclas tigradas. Fica a eterna sugestão.

Notas espaçadas de uma construção mais rítmica que melódica, embora

mantenha, ao modo de um Zbigniew Preisner, nos filmes de Krzysztof Kieślowski (1941-1996), ambos poloneses, uma melodia modal que persiste como obstinado a querer atingir a alma em suas profundezas, rodeando as beiras, nota por nota, em aproximações sucessivas e quase vertiginosas. A música não ilustra a obra. A obra é a música. Assim, como nosso autor aqui nos diz do Ulisses atualizado no cinema. Ele não assiste a filmes, não está em alguma poltrona na sala escura das projeções. Ulisses é o filme.



Assim como o cinema jamais foi moderno, é trágico e aspira ao mito, ao inaudito. Não existe ainda. Ulisses segue sua saga na tela. A tela projetada na imensidão da sala escura que, por favor, também é diferente da televisão ou da tela do computador ou do smartphone – me perdoem os atualizados e integrados,

mas “é uma história em tecnicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso”, lembraria Clarice Lispector em “A hora da estrela” (1973), pouco antes de falecer.

Se Ulisses não sai mais de casa, que sua saga seja em tecnicolor, ou HD, em televisão de plasma que ocupe a parede inteira pelo menos... Ainda prefiro o cinema antigo. Antigo! Repito para não confundir com cinemas de shoppings. Ah... os velhos cineclubes da Rua Augusta ou no bairro do Bexiga... sempre vazios... e o luxo da solidão quando se ia sozinho assistir àquele mesmo filme pela enésima vez. Consumidores de imagens fáceis à mão, em smartphones de “burro-usuários” ou televisões a cabo (arrastadas pelos cabos de baixa tensão cognitiva) ou “netfriques”. Me perdoem... ainda sou jurássico e não tenho vergonha disso. Li Sócrates e Homero ainda criança e isso fez um estrago incomensurável, do qual não me arrependo.

Desta vez Ulisses não sairá de casa



A construção musical de Rogério de Almeida avança para o lounge, moderna batida quase eletrônica que nada diz, a não ser: “espere”... Por isso, tão em voga nas salas de espera, salas vip, aeroportos, clubes, elevadores. Atualização da velha música muzak. Um mobiliário, um adorno (sem brincadeiras com nosso frankfurtiniano), ambiente. Por isso se mistura facilmente às espumas em close de um mar que já não se conhece, nem se reconhece. E as pessoas ouvem distraidamente, para amenizar o tédio da espera, estas espumas sonoras que se agitam à superfície, sem perigo algum à consciência. Não há o que se desfrute, não há o que se interprete, não há o que se sinta, não há algo que toque n’alma. Música maquinal para seres-máquinas. E aqui, já não falamos em humanos, mas em “máquinas” maquinalmente construídas, educadas e formadas (formatadas) para produzirem como máquinas e consumirem como máquinas nos templos-shoppings das máquinas-prazer que, prazerosamente, alimentam o sistema máquina dos algoritmos que nos controlam para alimentar o sistema: “sorria: você está sendo rastreado!” Nem mesmo o velho lucro já não se sus-

tenta. O capitalista do bio-poder-tecnológico já não consegue imaginar os tantos zeros que alimentam sua fortuna. Frustrado, quer apenas manter o poder da máquina matrix. Apenas a máquina.

Maquinalmente. Mefistofelesmente. Frankensteinmente. Faustianamente.

Para que a saga, pensam os mortais, ao olharem a tal saga espelhada nas pedras do caminho a ser trilhado, se eu posso vender minh'alma ao cartão de crédito e parcelar em suaves prestações a glória e os 15 minutos de celebridade?

Aqui já não cabe o velho Ulisses errático. Mas, ainda há aqueles que são erráticos. Constroem o sem-sentido da existência sobre as escolhas do viático, sabendo que não há o que se salvar, nem o que recuperar, nem o que resgatar. Mas segue errático, pelo simples prazer de manter-se vivo, enquanto vivo, a caminhar errante pelo mundo. E insistem em sair de casa.

A janela ajuda...

E voltam as antífonas... Abatido e com saudade, Ulisses olha para o Tejo

se entregando ao mar, e se sente testemunha de um mundo que já não existe. Ulisses hoje. As antífonas conversam com a Igreja da Sé, aquela mesma velha igreja no alto da ladeira, em meio à citadina polvorosa das correrias – com charme francês. Prefiro o velho boteco da ladeira, com cheiro de “prato-feito”. Uma conversa distraída ao balcão, com o vinho verde, o pão e o azeite sobre a mesa, e um bacalhau – como quem come comida de pobre. Não tem o “requite” colonizador que há no Brasil provinciano. E é tão bom estar ali, quase escondido da correria, citadina e turista, olhando os andares apressados em direção à Sé. Só um mendigo para na porta do boteco e perscruta o interior escuro, na hipótese de conseguir alguma esmola ou um restinho de comida. Olha pra mim, e minha cor de pele, comendo o bacalhau comum de pobre, o desestimula. Desiste e vai para os turistas na Sé.

Ulisses mendigo que ainda sobrevive na saudade. Saudade no amarelo dos bondes que ainda circulam frenéticos. Saudade no penedo da saudade em Coimbra, feito apenas para sentar-se sob a árvore, olhar a cidade do alto, e sentir sau-

dade. Saudade colorida nas casinhas amontoadas à margem do Douro, enquanto o vinho do porto, sonolento, ainda dorme nas barcas ao ritmo das vagas. Saudade do milho verde que ondeia em meio à gramática de pedras de Trás-os-Montes e flerta apaixonado com as moiras gallegas do Atlântico norte celtíbero.

Eu também retorno ao clichê de sempre, no universo lusófono: saudade.

A mais completa consciência de si: soidade. De estar só. De estar sem o ser amado. Dominado por um Póthos avassalador de estar e ser errático, ao mar aberto das incertezas. Nascido na nostalgia de ser dois, diria Gaston Bachelard.

Sabendo que não haverá casa para voltar. A casa está dentro, e quase inacessível quando se é surdo e cego à própria alma.

É desta “soidade” que nasce nossa glória vernácula intraduzível: saudade.

E se Ulisses, hoje, não sairá de casa, a saudade não será aquela da casa a

qual voltar. Será a saudade da viagem, da saga, a saudade de partir para depois retornar... e como toda “saga”, é a mesma “fada”, portadora do “fatum”: o destino. Ao som de um “fado”, a alma desvirgina o herói ao mundo e lhe cavalga as mil possibilidades, das quais elegerá apenas uma. E sonhará com as outras 999 possibilidades que foram preteridas. E se fosse, o que seria?

A saudade permanece, embora, não se saia mais de casa.

A janela ajuda...

A janela é a alma a desvirginar o herói, incauto e desavisado, como sempre.

Para quem fica, Ulisses flatulento de hoje, e não se deixa “tentar” pela alma da janela, talvez o desejo seja defenestrar os outros.



*oh sentina de escombros, pozo abierto
y amargo.*

*pálido buzo ciego, desventurado
hondero,
descubridor perdido, todo en ti fue
naufragio!*

*es la hora de partir, la dura y fría hora
que la noche sujeta a todo horario.*

*el cinturón ruidoso del mar ciñe la
costa.
surgen frías estrellas, emigran negros
pájaros.*

*abandonado como los muelles en el
alba.
sólo la sombra trémula se retuerce en
mis manos.*

*ah más allá de todo. ah más allá de
todo.*

es la hora de partir. oh abandonado!"

*(Pablo Neruda,
La canción desesperada,
Veinte poemas de amor y una canción
desesperada, 1924)*



UM DEUS ANTIGO ESCONDIDO EM FIGURAS FOLCLÓRICAS IBÉRICAS

POR KARLA BARBOSA

A Ibéria passou por diversas ocupações em seu território, e nos voltamos, nesse texto, para a ocupação indígena celta, que se iniciou na Idade do Ferro, sem que possamos ter uma data definida. O termo celta é usado para nomear não uma única tribo na península, mas várias, entre elas: vetões, galaicos, celtiberos, astur, e os de cultura celta como os lusitanos, entre outros; o que unem essas tribos nesse guarda-chuva chamado Celta são aproximações linguísticas, religiosas e culturais.

Esse povo distante, que ocupou grande parte da Península Ibérica, teve sua cultura anexada e muitas ve-

zes destruída com a invasão Romana e seu golpe final com o Cristianismo. Porém o sincretismo religioso e o folclore acabaram por nós deixar os vestígios do culto aos antigos deuses celtas.

E o Deus, que esse texto pretende resgatar, está no folclore da Galícia e do Principado das Astúrias, no Noroeste da Espanha, território da antiga tribo celta galaica.

Chamado de nubeiros, nubleros, nubeirus ou renuveros, em Astúrias também Xuan Cabrito, esse ser folclore tem o poder de cavalgar as nuvens, ocasionando os trovões, raios, tempestades, também a névoa.

Ele pode destruir plantações com seus movimentos climáticos, se tiver alguém como inimigo, ao contrário pode dar a fertilidade e a bonança, aqueles que tem como amigo. Ele é descrito como um homem pequenininho ou gigante cheio de pelo, com um chapéu, barba e cabelos brancos e longos, que algumas vezes saí a visitar os mortais para pedir abrigo, e nesse momento é que a amizade ou a inimizade podem ser feitas. Na lenda do Xuan Cabrito conta-se que ele vive com sua mulher no alto de uma montanha, coberta de nuvens, com muitas cabras, e é de lá que vem cavalgando nas nuvens, trazendo a tempestade, e desce delas para visitar os humanos.



Nuberu de Ardisana- Astúrias
Fonte: <https://mapio.net/pic/p-56500619/>

Por mais que os celtas não tenham deixado nada escrito, por ser um povo que não usava a escrita para as-

suntos sagrados, os registros romanos e o sincretismo deles dos deuses celtas, por meio de características próximas, nos fazem saber de que Deus se trata essa figura folclórica da Galícia e Astúrias.

Reues, era o deus celeste galaico, senhor da tempestade, raios e dos trovões, foi chamado de Jupiter celta pelos romanos, suas águas traziam bonança, ao mesmo tempo que seus raios poderiam trazer devastação, era um deus que tinha um falo imenso, mostrando que era um deus da fertilidade, e carregava na mão um martelo, responsável pelos seus raios e trovões.

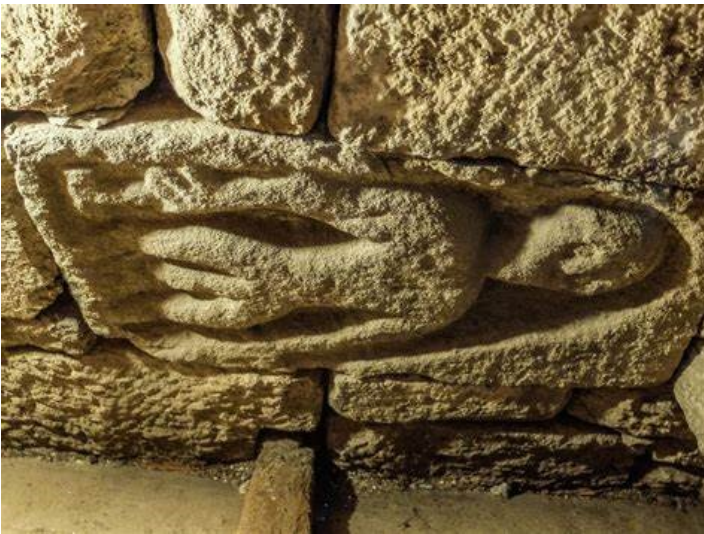
Em algumas áreas romanas, ele aparece em relação com alguns rios, não que isso o possa colocar como um deus de rios, porém as águas, mandadas por ele, eram que alimentavam esses.

Outra relação que Reues tem é com os altos montes, como a Serra do Larouco, em Trás-os-Montes, norte de Portugal, também antigo território galaico, em que na Paróquia São Miguel Vilar Perdizes foi encontrada a única imagem que temos de Reues Larouco, um dos epítetos pelo qual ele é chamado.



SERRA DO LAROUCO

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/fer-ribeiro/2315122637>



PARÓQUIA SÃO MIGUEL VILAR PERDIZES

Fonte: <http://sitioidasideias.blogspot.com/2019/06/visita-terras-de-barroso.html>

Em uma mistura com registros históricos romanos, achados arqueológicos e com o folclore, podemos tecer as características do deus celta Reues, um deus que ao mesmo tempo era temido por sua ferocidade, era um deus próximo aos humanos, disposto a vir visitá-los vindo da suas terras distantes, no topo das altas

montanhas, e conceder bençãos se recebido com hospitalidade, essa era um dos princípios caros das tribos celtas, tanto como a honra e a coragem. Ele trazia a fertilidade com suas águas que enchiam os rios e regavam a terra. Podia ser inclemente, destruindo plantações, se não fosse agradado.

Podemos apontar que Reues era um deus celeste, ligado às forças incontroláveis da natureza, dentro do panteão um deus, provavelmente, mais antigo do que os outros, uma espécie de deus primordial.

Com tudo isso, podemos dizer que o Deus Reues sobreviveu à romanização e cristianismo, e caminha em cada nova tempestade da Galícia e Astúrias, quando esses povos o veem como o nubeiru, o temem e o respeitam.

REFERÊNCIAS

- ABAD, Rosa Brañas. Entre Mitos, Ritos e Santuarios. Los Dioses Galaico-Lusitanos. In: Los Pueblos de la Galicia Céltica. Org. GARCÍA, F.J González. Akal Universitaria. Madrid: 2007.

-
- CABRERO, J. C. Alvarez. Mitología Asturiana. Editora Pata Negra. Oviedo: 2016.
 - PEDREÑO, Juan Carlos Olivares. Los Dioses de la Hispania Celtica. Real Academia de la Historia. Universidad de Alicante: 2016.

Sites consultados entre 01 e 03 de Abril/2021:

<<http://www.elcaminencantau.com/>>

<<https://verasturies.com/ast/seres-magicos-de-la-mitologia-asturiana/>>

<<http://narradoresdelmisterio.net/seres-mitologicos-gallegos-el-nubeiro/>>



LIVRO: MITOLOGIAS - Deuses, heróis e xamãs nas tradições e lendas de todo mundo

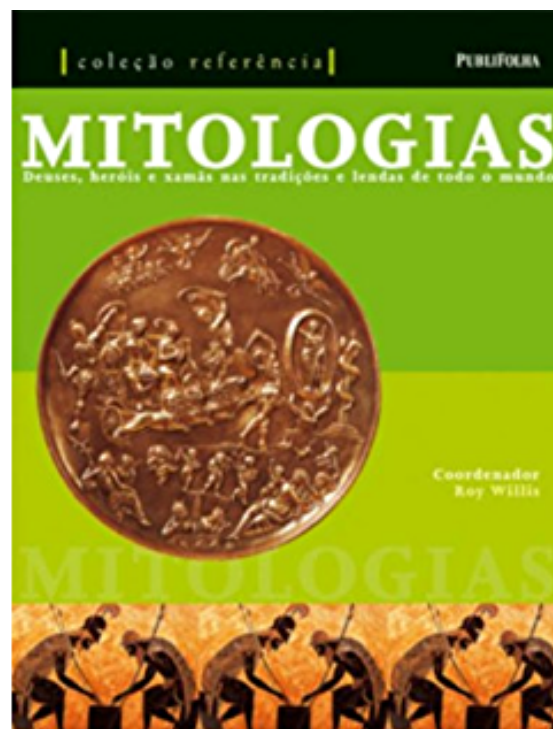
ORGANIZADOR: Roy Willis

POR LARISSA DIAS

Este livro faz parte da Coleção Referência, da Publifolha, que além de mitologia, tem como temas também a filosofia e as religiões.

É muito interessante como esse livro traz inicialmente a mitologia pelos grandes temas da: Criação, Arquitetura Cósmica, Mitos da Humanidade, Seres Sobrenaturais, Desastres Cósmicos, Heróis Astuciosos, Animais e Plantas, Corpo e Alma e Casamento e Afinidade. Isso funciona como uma espécie de familiarização da riqueza cultural diversa que vem pela frente!

Nos capítulos seguintes autores especializados trazem as temáticas mitológicas do mundo todo, começando pelo Egito, com suas divindades, as diversas versões da criação do universo, os principais deuses e deusas, e claro, as principais histórias, como sobre o Olho de Rá e a luta do deus Hórus contra seu tio Set pela posse do poder do Egito. Além disso, essa parte traz também



um pouco sobre os faraós e, como não poderia faltar, a mística vida após a morte.

Outro capítulo fala sobre o Oriente Médio, a Suméria e a Babilônia, o clássico mito do primeiro herói mitológico Gilgamesh, os mitos da criação e do dilúvio, mitos ugaríticos e dos hititas, além da mitologia persa.



No capítulo sobre a Índia encontramos as origens do mundo e os deuses Indra, Brahma, Vishnu e suas encarnações, Shiva, Devi (a deusa), a sagrada família hindu e ainda mitos jainistas e budistas.

Os mitos chineses contam a teoria do mundo que nasce do caos, a criação por Nu Gua e Fu Xi, os mitos dos corpos celestes, a mitologia budista, taoísta e também nos apresenta os deuses do lar. Já no capítulo sobre o Tibete e a Mongólia temos mitos sobre os reis e deuses, além de abordarem o xamanismo mongol. Já os mitos japoneses trazem a história de Izanagi e Izanami, a luta da deusa Amaterasu e do deus Susano, e muito mais!

Indo para o capítulo da Grécia, o livro traz os principais deuses do Olimpo e as histórias de heróis, como Hércules, Perseu e Teseu, além de criaturas mitológicas, como os centauros e as amazonas. O capítulo de Roma faz a analogia com o panteão grego de forma bem interessante.

No capítulo celta, os autores revelam os deuses, os heróis de Ulster e, como não poderia faltar, as lendas do Rei Arthur, Merlin e Viviane, além das histórias do Mabinogion, de Gales. No capítulo nórdico os autores, além dos deuses, trazem as lendas de Beowulf e Sigurd, assim como no capítulo eslavo mostram os espíritos malignos, ancestrais, criaturas da floresta, Baba Yaga, lobisomens e vampiros.

O livro aborda também os mitos das regiões árticas, dos povos inuítes e da Sibéria; da América do Norte, com os xãmas e os mitos navajos e de animais, como o coiole; da Meso-América, trazendo divindades como Tezcatlipoca e Quetzalcoatl, os deuses do calendário solar sagrado e os deuses maias; na parte da América do Sul, os mitos dos andes, o panteão inca e o mundo espiritual da floresta ancestral; já na parte da África, traz Exu, mitos de origem, mitos de animais trapaceiros, inventores e transformadores; enquanto na parte da Austrália, traz a origem do casamento, mitos da inundação e de morte e luto; a Oceania vem com



mitos dos Maoris e com a história de Maui, o trapaceiro da Oceania. O autor fecha o livro com os mitos do Sudeste Asiático, com informações interessantes, como a origem do arroz.

Aqui foram apresentadas algumas partes do livro, que é ricamente ilustrado e muito diversificado, em 311 páginas (enormes) de muito conhecimento!

Naturalmente, os livros de mitologia mundial não conseguem trazer todas as informações disponíveis, como nos livros específicos de cada mitologia, mas este é um ótimo exemplo de autores que conseguem apresentar um panorama geral da mitologia mundial de forma clara e bem organizada. Além disso, no início do livro existem mapas que nos ajudam com a localização, principalmente quando lemos sobre mitologia comparada, as invasões e as grandes migrações.

No fim, este é um livro fantástico, que vale muito a pena ter à mão!

LIVRO: Col. o Silêncio dos Deuses - Livro 1. O Livro do Silêncio AUTOR: P.J. Pereira

POR LAINE BALBINO
@ORGASMOLITERAL



Por conceber o tempo como algo circular (o que vivemos hoje já foi vivido por nossos antepassados e será novamente experimentado por gerações futuras), a mitologia africana encontra em seus adivinhos os conselhos necessários para que os



seres humanos cumpram os seus destinos. Mas e se eles fossem silenciados?

“O livro do silêncio” é o primeiro da trilogia “Deuses de dois mundos”, do escritor PJ Pereira. Nele somos apresentados ao início de uma história envolvente sobre deuses orixás, babalaôs, odus, guerreiros africanos e o futuro dos seres humanos.

Confesso que iniciei a leitura com pouco entusiasmo, afinal meu conhecimento sobre os mitos africanos ainda é mínimo, mas o desânimo sumiu nas 5 primeiras páginas (que grata surpresa!).

A história é narrada em dois núcleos: um se passa na cidade de São Paulo e o outro traz acontecimentos ocorridos entre o Aiê, aqui trazido como um mundo mágico dos mortais vivos, e Orum, mundo espiritual dos imortais. As narrativas ocorrem de forma paralela, mostrando como ações tomadas hoje afetam a vida de muitas gerações, mudando absolutamente o futuro de todos.

No núcleo tupiniquim, acompanhamos mensagens eletrônicas enviadas pelo jornalista Newton Fernandes a um destinatário que não conhecemos, mas que é chamado de Laroie (o nome já nos traz algumas informações, né?).

New é um homem com personalidade gananciosa e egoísta e que possui pensamentos extremamente céticos quanto a qualquer tipo de espiritualidade. Já de início percebemos que ele não mede esforços, nem se atém a conceitos éticos, quando o que está em jogo é algo que almeja.

Porém, o personagem recebe um chamado do mundo dos orixás para realizar uma importante tarefa e acaba abrindo sua percepção para uma realidade que jamais acreditou existir.

Intercalando as histórias dos dois núcleos, o autor nos apresenta a jornada de Orunmilá, grande babalaô (adivinho) que vê seus instrumentos de trabalho silenciados: os odus, donos das histórias dos homens e responsáveis por transmitir as mensa-



gens dos deuses através de diferentes artes divinatórias, se calam completamente sem deixar motivo.

Mandando seu mensageiro Exu ao Orum para investigar o que estava acontecendo, Orunmilá descobre que o silêncio dos odus é decorrente de um plano das velhas feiticeiras lá Mi Oxorongá para controlar o Aiê e se tornarem as responsáveis pela história da humanidade.

O babalaô recebe dos orixás a missão de reunir 7 grandes guerreiros capazes de enfrenta-las e recuperar o destino dos homens. A partir de então, seguimos Orumnilá na busca desses corajosos e somos apresentados a diferentes arquétipos dessa rica mitologia.

Acompanhar as duas narrativas que ocorrem paralelamente nos dá aquela sensação de “pulga atrás da orelha”, sabe? A leitura segue nos instigando a pensarmos como New afeta a história dos orixás e vice-versa: em seu primeiro e-mail, o personagem fala de traição e dá a entender que foi traído de forma brutal, porém com o decor-

rer das páginas começamos a pensar de uma outra forma.

Além disso, o livro também nos permite refletir sobre conceitos binários do tipo bem e mal: os personagens mostram atitudes que podem ser socialmente consideradas ruins por alguns, mas que para seus praticantes são boas, trazendo também a ideia de que não há represálias, mas sim consequências das nossas ações.

Muitas questões me chamaram a atenção na história (amo literatura fantástica!), mas algo que realmente me cativou foi como o autor consegue apresentar de forma fluída uma mitologia que é tão próxima de nós, brasileiros, mas que, infelizmente, ainda é pouco reconhecida e por muitos rechaçada.

Embora traga termos e nomes que, muitas vezes, são desconhecidos do nosso cotidiano, há um glossário e um texto com informações que nos ajudam a acompanhar a leitura de forma prazerosa, sem afetar o seu pleno entendimento.



Vi algumas críticas apontando uma possível falta de descrição das características físicas dos personagens como um fator negativo na obra. Mas fico pensando: estamos falando de mitologia africana, é realmente prejudicial à nossa imaginação o autor não mencionar que os orixás são negros, por exemplo? Quando falamos dos deuses nórdicos, não é preciso enfatizar a cor da pele de Thor para o imaginarmos, não é mesmo? Vejo um pouco de má vontade em considerações que vão por esse viés...

Lealdade, paixão, magia, fé, lutas sangrentas... as páginas nos puxam e pintam em nossas mentes imagens coloridas e lindas, trazendo os sons dos batuques e quase nos fazendo sentir o cheiro de comida e perfume das grandes festas (tem uma cena em que Oxum dança que eu posso jurar que fui hipnotizada por sua beleza).

É uma leitura rápida não por ser pequena ou algo assim, mas porque quando começamos a ler é praticamente impossível pararmos! Por ser o primeiro de uma trilogia, seu final nos

deixa super ansiosos pela continuidade (eu quase surtei quando percebi que o livro tinha acabado...). O autor criou um book trailer (disponível na plataforma YouTube) que deixa muitos curtos metragens no chinelo! Podem assistir a essa maravilha sem medo, porque não traz spoiler algum, mas tenha a certeza que após esse vídeo será praticamente impossível você não querer ler o livro.

*** **RECOMENDAÇÃO DA EDITORA:** Acompanhem a página no Instagram do [@OrgasmoLiteral](#), pois lá tem muitas dicas de leituras preciosas com resenhas magníficas como essa!



ARTISTA: Megaira

MÍDIA: Power, Lies and Death

POR MEGAIRA

A banda Megaira, fundada em 2009, no ABC Paulista, se diferencia pela mistura dos estilos Thrash/Death com Metal Tradicional e letras voltadas a Mitologia Grega. Formada atualmente por Paulo Schmidt (Vocal), Annia Bertoni (Vocal), Paulo Melo (Guitarra), Tom Petram (Guitarra), Tiago Souza (Baixo) e Paulo Lima (Bateria) a Megaira traz influências de Black Metal com bandas Thrash/Metal/Melodic dos anos 80 e 90 e suas composições são baseadas na Mitologia Grega contando histórias a partir de estudos com bases históricas.

No ano de 2010, a banda realizou diversos shows na capital paulista, grande ABC, litoral e interior de São Paulo. O ano seguinte foi marcado pela finalização do processo de composição do álbum de estréia. No primeiro semestre de 2012, foi iniciado o processo de gravações de "Power, Lies and Death", com pré-produção e gravações do produtor Luiz Portinari e finalização de produção do produtor Thiago Oliveira (Warrel Dane/Confessori).



O resultado final foi um álbum que apresenta características de Heavy Metal Extremo e Metal Tradicional, vocais guturais/death contrastando com vocal heavy metal feminino e uma nova forma de contar histórias da Mitologia Grega com um toque de nostalgia de grandes bandas do estilo de décadas passadas.

O álbum "Power, Lies and Death" lançado em 2017 pela Shinigami Records está disponível para venda na loja oficial da banda, principais plataformas digitais e lojas da Galeria do Rock em São Paulo e apresenta

VITROLA DE ORFEU



uma nova fase do estilo reinventado com força e energia para representar histórias da mitologia de uma forma moderna.



ANNIA BERTONI
(Vocal Heavy Melódico)

Começou sua carreira artística em 2002 como atriz e estudou canto popular, rock e lírico por 10 anos. Formou sua primeira banda em 2004 cantando covers de rock e desde então fez parte de outras bandas com o mesmo perfil, como a banda Radiometria. Participou de peças musicais como A Ópera do Malandro e bandas de tributo como Dio / Black Sabbath e Iron Maiden, mas elas nunca decolaram. Em 2012, ela participou como backing vocal no álbum "Unfold" da banda Almah, um convite do cantor Edu Falaschi. Nos anos seguintes, indicados pelo guitarrista e produtor Thiago Oliveira, ela participou como cantora em eventos de caridade e arrecadação de fundos, onde conheceu o produtor Luiz Portinari que, no futuro, a indicou para um teste na Megaira, a qual assumiu os vocais heavy melódicos.



PAULO SCHMIDT
(Vocal Gutural)

Começou sua carreira em 1990 como vocalista em bandas cover de Heavy Metal e começou a estudar canto com a professora Marisa Serrano. Mais tarde formou as

bandas *Ilusion*, que tocou covers e suas próprias composições, e *Wasted Land*, com apenas músicas originais. Em 2000 formou a banda *Cenotaph* com o guitarrista Cristian Araújo, que mais tarde se tornaria *Esdreton*, uma banda de Thrash Metal, com a entrada do atual guitarrista da *Megaira*, Paulo Melo. Esta formação trabalhou por alguns anos tocando com bandas como *Tuatha de Dannan*, *Torture Squad*, *Necromancia*, entre outros, no Estado de São Paulo. Alguns anos depois, ele foi convidado pelos fundadores da *Megaira* Paulo Melo e Cristian Araújo para assumir os vocais da banda, que ele dedica exclusivamente aos dias de hoje.



PAULO MELO
(GUITARRA)

Seu primeiro contato com a música aconteceu no ano de 1998, tendo aulas particulares de violão popular e guitarra elétrica com o músico Gerson Junior. Depois de um curto período tocando em bandas cover, de 2000 a 2003, começou a estudar violão clássico e teoria musical no Conservatório de São Bernardo do Campo e também aulas particulares com o músico Joel Galmacci. Em 2001, ele se juntou à banda *Esdreton* como guitarrista, onde conheceu Cristian Araújo (também guitarrista) e o vocalista Paulo Schmidt, músicos que, alguns anos depois, formariam a banda *Megaira*. De 2004 a 2006 estudou violão clássico e teoria musical na Fundação das Artes em São Caetano do Sul e de 2007 a 2009 estudou guitarra elétrica com o músico Marcelo Naudi. Em 2009 formou a banda *Megaira*, que ele dedica exclusivamente aos dias atuais, junto com o ex-membro da *Esdreton*, Paulo Schmidt.

VITROLA DE ORFEU



PAULO LIMA
(BATERIA)

Paulo Lima estuda bateria desde 2005, sempre com o objetivo de ser baterista de Heavy Metal.

Desde 2007 possui experiência com bandas de diversos gêneros dentro de Rock e Metal, participando de composições de bandas autorais e gravações.

Em 2010 começou a dar aulas de bateria em diversas escolas de música na cidade de São Paulo.

Em 2013 foi aluno do Amilcar Christófaro (Torture Squad).

Desde 2014 toca faz parte de uma das bandas cover mais expressivas de São Paulo, o Frantic - Metallica Cover, que possui agenda de shows em diversos estados, como SP, PR, SC, MT, MS, MG etc.

Desde 2016 faz parte da banda Eve Desire, que está em processo de gravação de seu primeiro disco, produzido pelo Thiago Bianchi (Ex-Shaman / Noturnall).

Em 2018 foi indicado pelo produtor e guitarrista Thiago Oliveira (Warrel Dane / Seventh Seal) a fazer os testes para entrar na Megaira.



TOM PETRAM
(GUITARRA)

Tom Petram começou a estudar guitarra aos 13 anos de idade no Centro de Desenvolvimento Musical (CDM) de sua cidade e no ano seguinte, estudou com professores particulares. Influenciado por bandas como Iron Maiden, Blind Guardian e Iced Earth, Tom participou de diversas bandas de heavy metal formadas por amigos entre 2002 e 2007 (Soldados Urbanos, Dark Dream, Wild Wind,

Kraaken e Blood Graal). De 2007 até meados de 2010, Petram parou de tocar e só assumiu novamente a guitarra no final de 2010, tocando com seus amigos nas bandas Avalon (power metal) e Imaginarium (Rock) até 2012. No ano seguinte, entrou na banda Rainha Plebe que encerrou suas atividades no mesmo ano. De 2014 a 2015, Tom voltou a estudar guitarra com o guitarrista do Necromancia: Marcelo D´Castro. Entre 2016 e 2017, voltou a tocar com as bandas Avalon e Imaginarium. Em 2018, foi convidado por Tiago Souza a fazer um teste na banda Megaira, assumindo, então, uma das guitarras. Atualmente, estuda no Instituto de Guitarra e Tecnologia (IG&T) de São Paulo com o professor Tiago Nascimento.



TIAGO SOUZA
(BAIXO)

Começou sua carreira musical como baixista em 2000 e começou a praticar com um grupo de amigos por alguns anos. Em meados de 2006, ingressou na banda Drayhen, uma banda de Metal Tradicional / Power Metal, que ensaiava em um estúdio em São Bernardo do Campo (São Paulo-Brasil), que por coincidência Megaria também ensaiava, e logo houve a oportunidade de audição para a banda. Em 2010 ele se juntou ao Rainha Plebe, uma banda com influências tradicionais de metal, com letras em português.

A carreira foi se desenvolvendo com as três bandas por um tempo, mas a Drayhen acabou terminando suas atividades. Em 2013, ele retomou seus estudos de baixo elétrico com Fabio Senna, e sobre o mesmo período a banda Rainha Plebe se separou, transformando-o a partir desse ponto, um membro exclusivo da Megaira.

VITROLA DE ORFEU



O conceito do álbum debut do Megaira “Power, Lies and Death” é baseado em várias histórias populares da mitologia grega como a do Minotauro, o labirinto e a morte de Ícaro, mas também apresenta personagens não tão conhecidos e suas trajetórias, como a da constelação Corona Borealis e a ida de Minos para ser o juiz no Tártaro.

“Power, Lies and Death” inicia narrando sobre Minos, o rei de Creta, seus anseios por poder e Ariadne, sua filha, que ajudou Teseu, o herói de Atenas, a entrar no labirinto e matar o Minotauro.

Neste momento é apresentado Dédalo, inventor e arquiteto, que foi punido pelo rei junto com seu filho Ícaro a ficarem presos dentro de sua própria criação, o labirinto, e narra sua fuga espetacular que resultou na morte de Ícaro. Furioso, Minos vai para a Sicília na busca por Dédalo, mas acaba morrendo, indo assim para o Tártaro e transformando-se, junto com seus outros 2 irmãos, em um dos juízes de Hades.

Além destas e outras histórias o álbum conta também com a música Erinyes, que narra a história das 3 divindades que punem os mortais pelos seus pecados, sendo uma delas a Megaira, que dá nome a banda.

O resultado final como construção musical de “Power, Lies and Death” é de um álbum que apresenta características de Heavy Metal Extremo e Metal Tradicional, vocais guturais / death contrastando com vocal heavy metal feminino e traz influências de Black Metal com bandas Thrash / Metal / Melodic dos anos 80 e 90, apresentando uma nova fase do estilo reformulado, com força e energia para representar histórias da mitologia grega de uma forma moderna.

O CD Power, Lies and Death conta com as seguintes músicas:

*RISING OF THE KING (INTRO)

Abertura instrumental orquestrada

*POWER AND CRUELTY

Narra a história de Minos, filho de Zeus e Europa, que matou seus irmãos para tomar o poder em Creta

VITROLA DE ORFEU



mandando Dedalus, seu arquiteto, construir o labirinto para abrigar o Minotauro e defender seu palácio, fazendo juras de poder e conquista.

*ARIADNE'S THREAD

Conta a história de Teseu, herói de Atenas, que queria matar o Minotauro e acabar com o tributo a Atenas imposto por Creta. Após saber do Oráculo de Delfos, que só conseguiria vencer com a força do amor, ele faz uma proposta de casamento para a princesa Ariadne que o ajuda a entrar e sair do labirinto com um simples truque.

*THE FALL OF MINOTAUR

Narra a entrada de Teseu no labirinto, um ambiente assustador com cheiro de morte. Sabendo que pode se deparar com o monstro a qualquer momento ele se prepara para dar um golpe fatal e quando teve a melhor chance mata o Minotauro assim que o encontra.

*DEDALUS AND ICARUS' ESCAPE

Minos fica enfurecido com Dédalus pelo seu labirinto ter falhado, o Minotauro ter sido morto e sua filha

ter sido levada por um estrangeiro. O rei sentencia ele e seu filho Ícaro para morrerem em sua própria criação, mas eles conseguem fugir do labirinto construindo asas com cera de abelhas e penas de pássaros.

*CORONA BOREALIS

A princesa Ariadne é abandonada por Teseu em uma ilha enquanto ela dormia. Ela entra em desespero ao acordar, mas encontra a deusa Afrodite que lhe promete o amor imortal de Baco com o qual viveu até seus últimos momentos. Após sua morte, por amor e devoção a Ariadne, Baco a transforma na constelação Corona Borealis.

*END OF A REIGN

Minos chega na Sicília onde Dédalus havia se abrigado e manda o rei Cócalo entregá-lo para ser punido, caso contrário invadiria o palácio. Sabendo das intenções de Minos, o rei Cócalo consegue persuadi-lo com a ajuda de suas filhas para entrar e repousar, mas é morto por elas escaldado em um banho. Após sua morte, Minos vai para ao Tártaro, on-

VITROLA DE ORFEU



de é convocado por Hades a se juntar aos seus 2 irmãos e se tornar seu juiz.

*ERINYES

Conta a história das 3 Erínias, filhas de Nêmesis, a deusa da vingança que punia os deuses. Alecto (Inominável), espalha pestes e maldições para punir os mortais pelos delitos morais, Trisífone (Castigo) açoita e enlouquece para punir os assassinos e Megaira (Rancor) grita eternamente as faltas dos pecadores infiéis ao matrimônio sem dar descanso a mente levando-os ao desespero e insanidade.

PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O
MEGAIRA ACESSE:

SITE OFICIAL:

[HTTP://MEGAIRAOFFICIAL.COM/](http://MEGAIRAOFFICIAL.COM/)

FACEBOOK:

[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MEGAIRAOFFICIAL/](https://WWW.FACEBOOK.COM/MEGAIRAOFFICIAL/)

YOUTUBE MEGAIRA OFFICIAL:

[HTTP://YOUTUBE.COM/C/MEGAIRA
FFICIAL](http://YOUTUBE.COM/C/MEGAIRAOFFICIAL)

Links para os Clipes do Megaira:

POWER AND CRUELTY

Assista aqui:

https://www.youtube.com/watch?v=rLU1_t4lkDA

ARIADNE'S THREAD

Assista aqui:

https://www.youtube.com/watch?v=lVvNC_OJD2o

DEDALUS AND ICARUS' ESCAPE

Assista aqui:

<https://www.youtube.com/watch?v=naSxO1vM8Ns>

CORONA BOREALIS

Assista ao clipe aqui:

[https://www.youtube.com/watch?v=xqu
ti_jWAEY](https://www.youtube.com/watch?v=xqu ti_jWAEY)

END OF A REIGN

Assista ao clipe aqui:

<https://www.youtu.be.com/l2ii4JR1AKI>



ARTISTA: Sepultura

MÍDIA: Roots (A identidade do Heavy Metal brasileiro a partir de suas raízes)

POR LUIS F. RIBEIRO – HELLYEAH!

Desde que o Heavy Metal brasileiro começou a ter algum reconhecimento mundo afora, é inegável afirmar que a maior banda formada em terras tupiniquins foi o Sepultura, principal responsável por esse interesse crescente na nossa música. Independente dos rumos que sua música tomou, de suas consideráveis mudanças de formação ou da apreciação do trabalho da banda, a importância do Sepultura é incontestável na abertura das portas do Brasil para o Metal e para a formação da identidade musical dessa vertente segundo a nossa própria cultura.

Se no início de sua trajetória, em meados de 1984, o Sepultura apostava em músicas e temáticas menos profundas, abordando questões como política, religião e reflexões sobre a vida e a morte, em seus trabalhos mais recentes, cada vez mais a banda vem apresentando composições melhor elaboradas e com uma riqueza lírica muito mais ro-



busta que outrora, entrando inclusive em temas de cunho mitológico, o que podemos observar até mesmo estampado na capa de um de seus discos, o grandioso “Kairos”, que faz referência ao deus do tempo oportuno na mitologia grega.

Emissários reconhecidos de uma mensagem das raízes da sua terra, em “Roots”, o Sepultura rasgou as entranhas mais profundas da riquíssima cultura de seu povo, aprofundando-se nas tradições, nas histórias e na mitologia indígena brasileira através de seus ritmos tri-

VITROLA DE ORFEU



tribais e suas letras de uma autenticidade excepcional. Vem daí aquela que é provavelmente a primeira referência da banda à mitologia em sua música, não sendo essa presença costumeiramente emitida de maneira explícita, sendo essencialmente intrínseca, especialmente evidente na musicalidade da banda.

Em "Roots", sexto álbum de estúdio da banda, lançado em 1996, o Sepultura juntou-se a tribo indígena Xavantes, na região de Camarana, no Mato Grosso, onde imergiram em sua cultura durante três dias breves mas intensos, compartilhando dos costumes e ritos daquela tribo, tendo seus corpos pintados, participando de suas cerimônias e danças, comendo a sua comida, bebendo a sua bebida e tomando banho de rio. Esta imersão resultou em uma obra quase conceitual sobre aquele povo e seus ritmos, cânticos e a fúria do Heavy Metal do quarteto se confunde com a história e as crenças das muitas tribos escondidas nos cantos mais remotos dessa nação de proporções colossais. Inseridos nesse contexto, a

combinação dos elementos percussivos da banda, representou um processo que vai muito além da dinâmica musical, criando uma fusão dos elementos já conhecidos nas vertentes mais extremas do Heavy Metal com o som orgânico da terra e incursões no desconhecido e volátil terreno do experimentalismo, que vestiu como uma luva ao som da banda, que de uma maneira absolutamente natural mergulha no coração selvagem do Brasil, onde reivindica a supremacia de suas origens.

No decorrer do século XVIII, com a descoberta do ouro na capitania de Goiás, houveram inúmeros atritos violentos entre as tribos xavantes desta região com os garimpeiros, colonos, bandeirantes e missionários que chegaram a essas terras. Alguns xavantes nesse período optaram por migrar para o oeste, onde atravessaram o rio Araguaia, enquanto os que ficaram para trás passaram a ser conhecidos por Xerentes. Mito Xavantes descrevem esse episódio com a figura de um bo-

VITROLA DE ORFEU



to colossal que teria surgido no meio das águas do rio Araguaia, amedrontando e separando para sempre Xavantes e Xerentes. Outro mito relata que os Xavantes teriam sido transportados por botos, somente assim conseguindo atravessar as turbulentas águas do Araguaia. A designação "Xavante" teria sido então criada pelos não índios para diferenciar os Xavantes dos Xerentes que ficaram no que hoje é o estado do Tocantins.

Em sua cruzada pela busca da identidade do Heavy Metal brasileiro, o Sepultura passou a fazer cada vez mais experimentações em suas canções, tornando mais e mais evidente a importância que a raiz, a história e a mitologia de um povo possuem sobre sua arte. Isso tudo fica evidente logo de cara, na canção de abertura do disco, "Roots Bloody Roots", que aborda abertamente a preservação da cultura brasileira e a importância do nosso contato com nossas raízes.

"Nós estamos crescendo a cada dia, mais fortes em todos os sentidos. Eu te levarei para um lugar onde encontraremos nossas raízes sangrentas". - Roots Bloody Roots, Sepultura.

Esse resgate da mitologia dos povos do Cerrado promovido pelo Sepultura é uma forma de conhecer a diversidade cultural sobre a qual está formada a nação brasileira. Para os índios, recontar as histórias é evocar as forças naturais e honrar o legado de seus ancestrais.

"Itsári", que assim como o título do disco, significa "Raízes", manifesta a performance dos Xavantes em um cerimonial capturado e utilizado pela banda na gravação desta canção. Os trechos apresentados em "Itsari", fazem parte de "Datsi Wawere", um fragmento de um conjunto de cantos e danças de um cerimonial de cura, que segundo a mitologia dos Xavantes foi um cântico muito antigo trazido nos sonhos por um ancião que tem o poder de restaurar a vida em pessoas que estão a beira da morte, se elas acreditam de verdade que po-

VITROLA DE ORFEU



dem ser curadas.

“Quando o fogo estava bem forte, a mãe jogou a filha em cima da grande fogueira. Os pais haviam decidido jogar sua filha no fogo, porque não havia nenhuma forma de tirar o fedor do lobo impregnado em seu corpo. Nesse momento, o calor do fogo fez estourar o seio da moça, entumescido de leite. O leite que saiu jorrou longe e molhou o tronco da árvore réwede. O leite penetrou pelo tronco da árvore e formou sua seiva. Até hoje nós usamos a resina de réwede para curar as doenças e preparar adornos e objetos de poder para as cerimônias.” - Trecho de “O Lobo Guará e outras histórias do povo Xavante”, sobre o mito de invocação dos ancestrais nos rituais de cura Xavantes.

Os Xavante, tal qual qualquer outra comunidade humana, apresentam um conjunto de narrativas, consideradas como mitos, que definem tanto o mundo quanto os indivíduos, assim como a condição do vínculo que os caracteriza ou os diferencia de outros grupos humanos e da natureza. É

dentro dessa esfera que se observa a real importância do mito. No que concerne ao discurso mítico Xavante, percebe-se em sua própria narrativa a conservação de seu contrato e a apresentação de seus sujeitos em dizeres como: “Contam os antepassados”, “Dizem os índios de antigamente”, “Os meus avós me contaram assim”. Estas marcas revelam a manifestação de uma voz institucional, representada pela ancestralidade e conhecimento oficial daquele grupo. Da mesma forma, elas reiteram a autoridade de seus comunicantes: se a veracidade está na autoridade dos ancestrais, a voz da enunciação apropria-se desta autoridade temporal, pois são os “mais velhos” que narram as histórias aos “mais jovens”.

A narrativa dos mitos indígenas, apesar de diversos elementos que transcendem à realidade cotidiana, é recebida como verdadeira pelos que a ouvem. O efeito de verdade é propiciado pela autoridade da pessoa que conta. Contar uma história é tomar o poder da palavra, é ter o direito de ser ouvido. Nos mitos indí-

VITROLA DE ORFEU



genas o contrato de verdade só é estabelecido através de suas representações sociais e “institucionalização” de uma diversidade de histórias, ritos e meios de fazer que são tidos como originais e verdadeiros.

Em “Roots” o Sepultura elevou-se a um novo patamar em termos de composição e tornou-se um produto do orgulho nacional através da visibilidade que trouxeram para nosso país, para a nossa cultura e especialmente para a cultura indígena, em uma busca pela identidade nacional através de sua música por meio do encontro das influências culturais europeias, africanas e indígenas, que formam aquilo que se conhece como o mito das três raças, subjugando inclusive as barreiras do preconceito e da marginalização do gênero musical que eles representam.

“Viva Zapata! Viva Sandino! Viva Zumbi! Antônio Conselheiro! Todos os Panteras Negras. Lampião, sua imagem e semelhança Eu tenho cer-

teza, eles também cantaram um dia”
- Monólogo ao Pé do Ouvido, Chico Science e Nação Zumbi

Viva Roots! Viva o Sepultura do Brasil!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



HISTÓRIA: O Labatut

CONTADOR: Luiz Júnior

Típico do sertão do Nordeste brasileiro, o Labatut, ou Monstro Labatut, teve sua origem – veja só! – de uma pessoa que realmente existiu. Trata-se do general francês Pedro Labatut, que combateu os revoltosos de Joaquim Pinto Madeira durante a Independência do Brasil, sendo conhecido pela sua extrema agressividade e certo grau de sadismo, principalmente com negros e membros de seu próprio exército.

Suas histórias foram cantadas em prosa e verso por todos aqueles que o conheceram, e ele se eternizou, finalmente, na imagem de um monstro de pés redondos, mãos muito compridas, cabelos longos e assanhados e corpo cabeludo. É uma espécie de Ciclope – com um olho só no meio da testa – e longos caninos, como os de um elefante.

Considerado muito mais feroz que o lobisomem, o Labatut vai à caça em noites de Lua Cheia ou de muito vento, preferindo devorar crianças, por estas terem a carne mais tenra e macia.

“Labatut é um bicho pior que o Lobisomem, pior que a Burrinha, pior

que a Caipora e mais terrível que o Cão-Coxo. Ele mora, como dizem os velhos, no fim do mundo, e todas as noites percorre as cidades, para saciar a fome, porque ele vive eternamente esfaimado. Anda a pé; os pés são redondos, as mãos compridas, os cabelos longos e assanhados, corpo cabeludo, como o porco espinho, só tem um olho na testa como os ciclopes da fábula e os dentes são como as presas do elefante! Ele gosta muito mais de meninos, porque são menos duros que os adultos! Ao sair da lua, ele, que anda ligeiro, entrará pelas ruas num trote estugada, pairando às portas para ouvir quem fala, quem canta, quem assobia e quem ressonar alto e, zás!, devorar. Os cães dão sinal, latindo atrás!”. (www.portalsaofrancisco.com.br).

Esta é uma lenda que vem, portanto, da crueldade do ser humano. Labatut, quando em vida, foi tão feroz que se tornou temido até por seu próprio exército – e hoje vem assombrando o interior do Brasil com suas histórias terríveis. ___

Gostou? Este e outros contos estão na coletânea Corpo Seco e Outras Histórias, disponível em e-book na www.amazon.com.br.



FILME: Mononoke Hime (もののけ姫)

DIREÇÃO: Hayao Miyazaki / **PRODUÇÃO:** Studio Ghibli

por: Fábria Lucas com colaboração de Carlie Lucas

A presença de entidades sobrenaturais do folclore japonês - conhecidos culturalmente como yōkai (youkai ou 妖怪) é forte nos mangás e animes, bem como em outras formas de arte e literatura nipônica. É um jeito de preservar a cultura e as crenças que existem desde tempos remotos.

A presente resenha é sobre o longa-metragem de animação “Mononoke Hime”, lançado em 1997, dirigido por Hayao Miyazaki e produzido pelo conceituado Studio Ghibli.

Apesar de ser ambientado na Era Muromachi (1336 – 1573), apresenta um tema cada vez mais atual - a relação do ser humano e a natureza, abordando a ganância que gera a destruição das florestas e as suas consequências.

A história começa quando um Tataru Gami (崇り神) invade uma pequena vila. O príncipe Ashitaka consegue matá-lo e descobre que antes de virar um demônio ele era um deus javali,

que foi ferido mortalmente e sofreu dores inimagináveis com uma bola de ferro corroendo seu corpo por dentro.

Durante a luta o Tataru Gami toca o príncipe, contaminando-o com sua maldição. Ele então é orientado pelo Oráculo da vila a partir em busca do seu destino e descobrir o que teria transformado o Deus Javali em demônio, procurando, sem o olhar do ódio, curar a maldição.

Seguindo o rastro do deus javali ele chega a uma grande floresta. Lá se depara com deuses lobos e uma jovem que vive com eles – a princesa Mononoke – que foi criada por esses espíritos e odeia os humanos por causa de todas as destruições pelas quais são responsáveis; também se depara com dois homens feridos e resolve levá-los de volta para a aldeia deles. Para sair da floresta é ajudado pelos Kodamas (木霊), seres que habitam a árvore que dá vida à floresta.

A aldeia vive da mineração de ferro



e é comandada pela Lady Eboshi, uma mulher que apresenta uma dualidade – de um lado é a mulher que feriu mortalmente o deus javali e pretende destruir o grande deus da floresta, o Shishigami (シシ神), para poder dominar a região e explorar todos os recursos possíveis; por outro lado, ela formou seu povoado com mulheres que seriam vendidas para prostituição e leprosos que seriam deixados para morrer à míngua, se não fosse a sua generosidade em acolher e oferecer respeito e dignidade a eles, mesmo que em troca de trabalhos pesados.

Na sua busca gananciosa ela encontra mercenários que fingem ajudá-la e também conhece a misericórdia de Ashitaka, que não se deixa tomar pelo ódio ao ver os erros que a ganância dela levaram-na a cometer.

A narrativa apresenta elementos do folclore japonês, como os seres mágicos das florestas, apresentados a seguir:

O Shishigami (não confundir com os Shinigamis 死神, que são deuses da

morte no folclore japonês) é um deus cervo (palavra formada pelos katakanas 'shishi' – cervo – e 'gami' ou 'kami' - deus), uma entidade que tem poder sobre a vida e a morte, bem como sobre os poderes da natureza. É apresentado como o 'espírito da floresta', que durante o dia assume a forma de um magnífico cervo com enormes chifres, pés de ave e face de babuíno - uma criatura ancestral, com o poder da criação; e à noite mostra-se em toda a sua plenitude e poder, na forma do Andarilho, um Daidarabotchi - entidade de forma gigantesca, acima do bem e do mal. Ao ser ferido mortalmente e ter sua cabeça arrancada e roubada pelos mercenários, ele desencadeia uma série de fenômenos que arrasam tudo o que há pela frente, incluindo a aldeia da Lady Eboshi, ensinando sobre as consequências de nossas atitudes gananciosas e assassinas, mas também mostrando grandeza e poder de renascimento.

A imagem do deus javali transformado em *Tatari Gami* ilustra de forma quase que palpável a dor que pode se transformar em amargura e



ódio tão grandes ao ponto de fazer com que a vítima queira destruir tudo à sua frente, o que ao invés de acalmar a dor, só faz aumentá-la, até que consuma totalmente seu espírito e ela deixe de ser, definitivamente e irremediavelmente, o que foi um dia.

O *Tatari Gami* é um deus da maldição, visto como deus ou demônio, que quando maltratado pode lançar maldições em forma de epidemias e mortes. O folclore japonês descreve vários exemplos de *Tatari Gami*, entre eles o Yamata no Orochi (uma serpente que possui oito cabeças, oito caudas e olhos vermelhos e que exigia que anualmente fosse feito para si o sacrifício de uma virgem – e sim, não é por acaso que o Orochimaru das histórias do Naruto tem esse nome, mas isso é tema para um outro artigo, no qual poderemos falar também do Susanoo e do Amaterasu). O *Tatari Gami* é uma deidade que nasce de mortes trágicas, regadas com o extremo do horror e do ódio.

Já os Kodamas são espíritos que habitam as maiores e mais antigas ár-

vores. São considerados criaturas pacíficas, guias e protetores das florestas, sendo considerados símbolos de boa sorte. Estão na classificação dos Yokai – criaturas sobrenaturais, que podem assumir tanto forma humana como animal ou ainda aqueles que têm a habilidade de se transformar. Há lendas que relatam que é possível ouvir o lamento dos Kodamas quando árvores são derrubadas.

A princesa Mononoke, que é a personagem que dá nome à obra, não está na classificação de humano e nem de espírito. Ela é uma humana criada pela deusa loba e que nutre um forte e crescente sentimento de vingança, colocando-se no papel de justiceira. Não é à toa que o filme carrega o seu nome, pois é um ser entre os dois mundos, representa o elo entre o ser humano e a natureza, fruto de dois mundos que se tornaram antagônicos.

Não é exatamente um filme leve, mas tem uma beleza poética e dolorida ao mesmo tempo, abordando temas urgentes neste momento, co-

ARQUIVOS DE LOKI



mo a destruição da natureza, ato tão cruel e covarde, e suas consequências, como desastres naturais e doenças que tiveram início com o comércio ilegal de animais silvestres ou com a aproximação deles dos centros urbanos, por causa da destruição do seu habitat.

SAIBA MAIS SOBRE FÁBIA LUCAS NA SEÇÃO "PANTEÃO DE COLABORADORES"

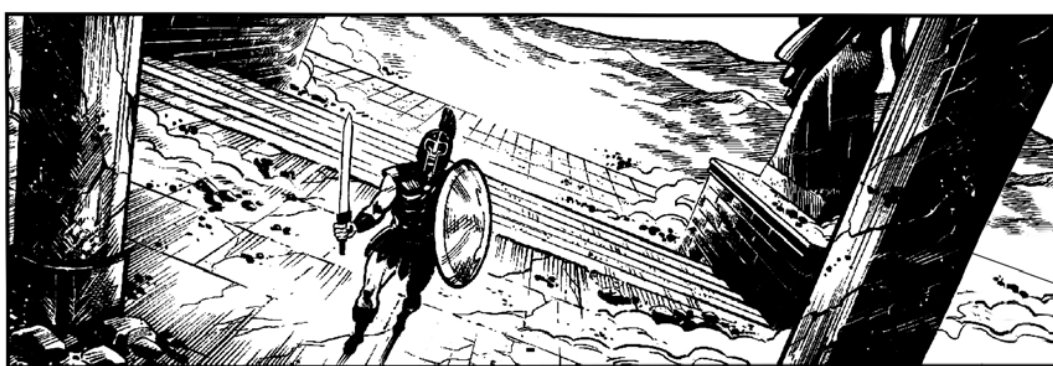
SOBRE A COLABORADORA CARLIE LUCAS:

[HTTPS://WWW.LINKEDIN.COM/IN/CARLIE-LUCAS-93200B190/](https://www.linkedin.com/in/carlie-lucas-93200b190/)

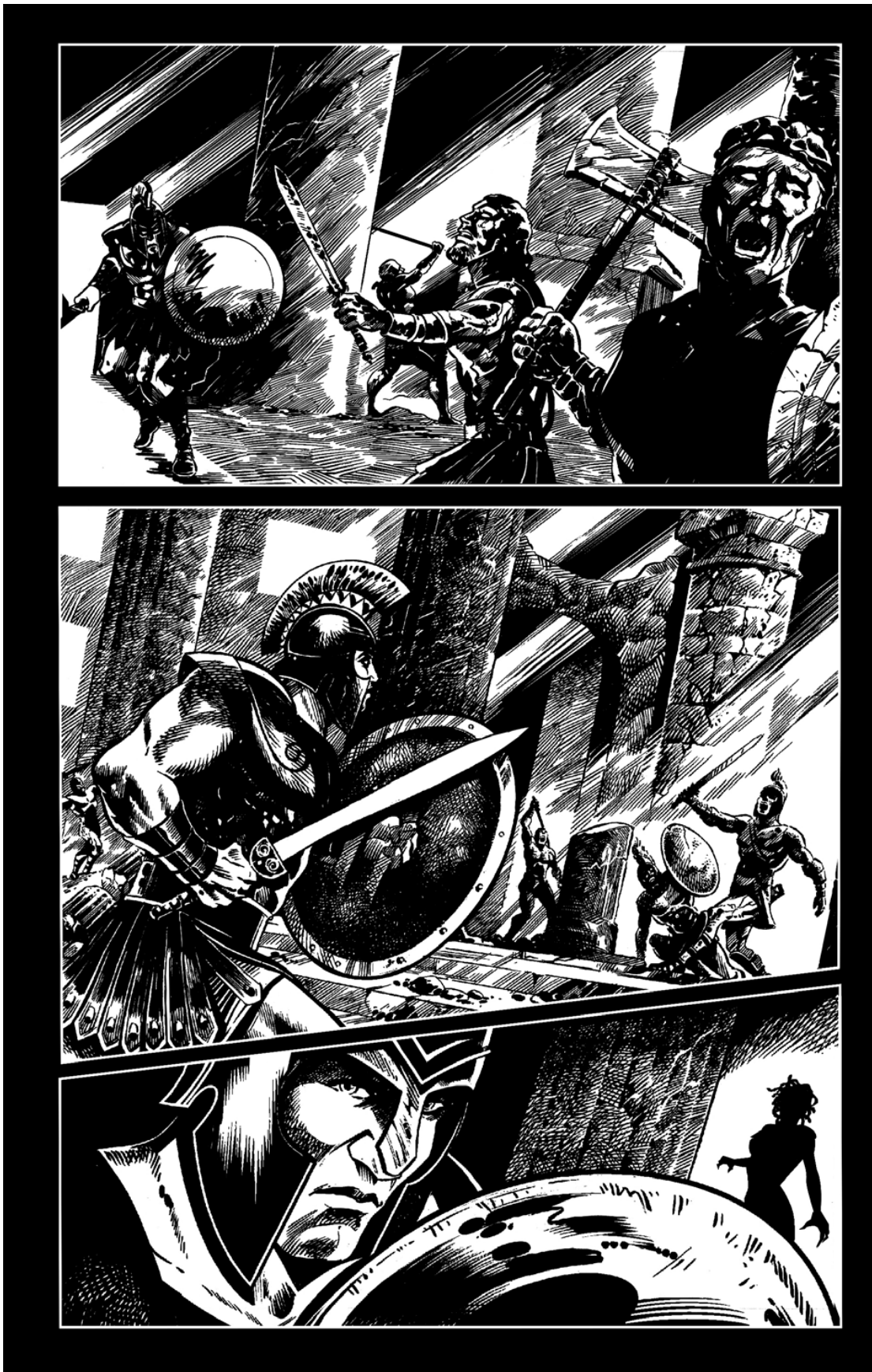
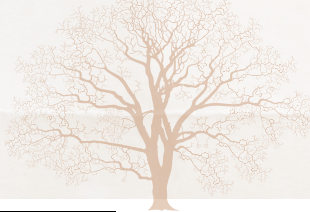


Fonte da imagem: <https://www.posterlounge.pt/p/620045.html>

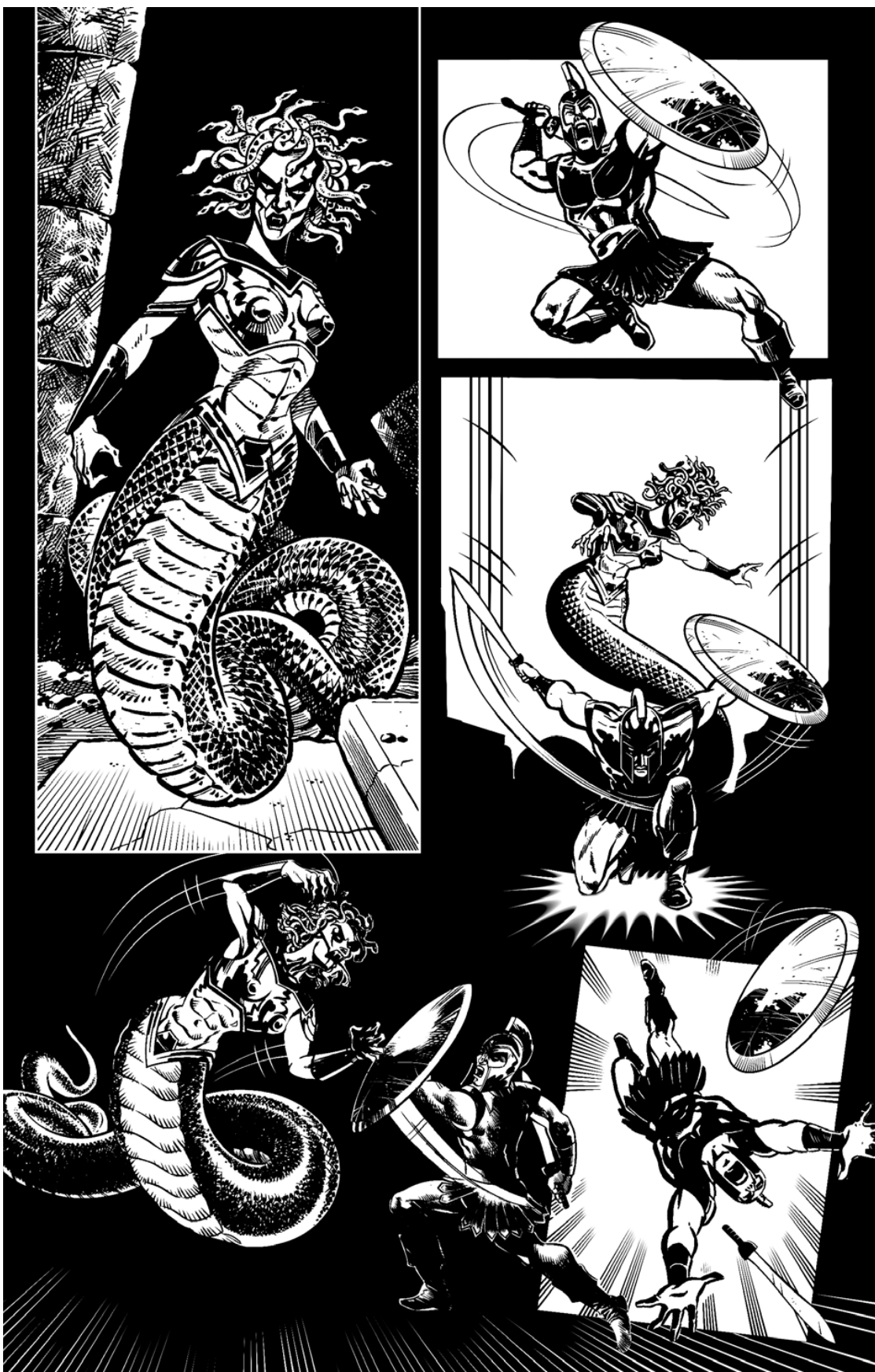
A NONA ÁRVORE



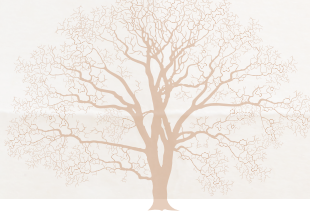
A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE





CADU SIMÕES



*HQ "A Jornada do Herói Quadrinista",
Parte da Revista "Cosmogonias"*

“Cadu Simões é historiador por formação e roteirista por insistência. É natural de Osasco, uma cidade localizada no “faroeste” de São Paulo.

Começou a fazer quadrinhos em 2000, publicando de forma independente tanto pela Internet quanto em publicações impressas. Em 2008 foi premiado com o Troféu HQ Mix na categoria de Roteirista Revelação.

As suas atuais séries de histórias em quadrinhos são: Homem-Griolo, uma paródia com o universo de super-heróis; Nova Hélade, uma revisitação a mitologia grega em um cenário fantástico-futurista; Cosmogonias, uma antologia de HQs curtas com temáticas filosóficas com base em mitologias; Acelera SP; uma ficção científica cyberpunk ambientado na Grande São Paulo.

Fundou em 2007 o Quarto Mundo, um coletivo que possuía a função de distribuir, divulgar e fomentar a produção de HQs independentes no Brasil. E em 2011 fundou o coletivo de quadrinistas Petisco, que teve dentre suas atividades a publicação periódica de quadrinhos na Internet para leitura online e gratuita. Agora possui seu próprio selo de quadrinhos, a Aedo Edições.

Além de suas obras autorais, costuma trabalhar como roteirista, redator e revisor freelance para diversas empresas e instituições. Também trabalha fazendo letreiramento para quadrinhos. Eventualmente ministra palestras, oficinas e cursos relacionados a roteiro, criação de narrativas, produção de HQs independentes e publicação de webcomics (quadrinhos digitais).”

*** **NOTA DA EDITORA:** Cadu Simões gentilmente nos cedeu a HQ em questão, que traz um pouco da jornada do herói (tema do artigo 1) em conjunto com o universo do quadrinista, que sempre são homenageados nesta seção!

SAIBA MAIS SOBRE O AUTOR NA
SESSÃO PANTEÃO DE COLABORADORES



**cursos,
palestras,
eventos...**

MAI 2021

Formação em Astrologia

Uma formação ética, que te ajudará a auxiliar ao próximo, respeitando as leis cósmicas!

- ✓ Aulas semanais
- ✓ Aulas individuais e personalizadas
- ✓ Aulas online
- ✓ Apostilado e com MUITOS exercícios
- ✓ 3 módulos
- ✓ Módulos de formação extracurricular: Sinastria, Horária, Mundial, Horóscopos
- ✓ Mitologia e Astrologia

Saiba mais com Luiz Junior

WhatsApp **11 98721-9413**

ACADEMIA DE QUÍRON



MAI 2021

MITOLOGIA CELTA/NÓRDICA E ARTETERAPIA

Com Patrícia Pinna Bernardo e Elenice Giosa

Sábado, das 16:30 às 18:30hs



01/05 – Festival de Beltaine, o festival do sol, simbolismo do 1º de maio e o May Pole

22/05 – Aine: deusa das fadas, da fertilidade da terra e do amor



Investimento:

1 encontro = 60,00 / COMBO: 1 + 2 = 110,00

Inscrições: whatsapp 11 99136-4430

23/05

14:00

PALESTRA ONLINE – SKYPE

**CULTO A FREYR
CONHECIMENTO & PRÁTICA**



COM O ESCRITOR E TRADUTOR ALLAN MARANTE
AUTOR DE LIVROS SOBRE PAGANISMO NÓRDICO E RUNOLOGIA
INICIATIVA CAMINHO NÓRDICO - GRUPO DE ESTUDOS

23 de Maio - 14h - R\$30,00
Transmissão ao vivo via Skype
www.facebook.com/caminhonordico



O MITO EM NÓS

e o reconhecimento da integridade humana

Anima / Animus



O MITO EM NÓS É UM CURSO CONSTITUÍDO DE 07 ENCONTROS VIVENCIADOS (UM AO MÊS, VISANDO O RECONHECIMENTO DO MASCULINO E FEMININO COMPLEMENTANDO-SE EM CADA UM DE NÓS, ATRAVÉS DAS MITOLOGIAS GREGA, INDIANA, EGÍPCIA, INDÍGENA, E CELTA.

SOLANGE S. D'AMATO - PSICOPEDAGOGA /
ARTETERAPEUTA
VILMA C. FIDALGO DEL RY - ESCRITORA / PROF. DE
LITERATURA
NOVA TURMA: MAIO/2021
INFORMAÇÕES: 99132-9228 - SOLANGE



MAI 2021

Workshop
Dando Corpo à Autoestima

Viva Vidas Vivas
vivavidasvivas.com

20 e 21 Maio/2021
20:30h(+ou-2h, via Zoom)

Gratuito
Inscrevam-se - Vagas Limitadas

Quantos % você tem de Autoestima?
De 0 à 100, qual o percentual % que você atribui ao seu nível de autoestima?
Que tal melhorar este resultado?
... E caso esta atribuição(%) esteja alta, te convido a refletir...
...Será que sua vida anda limitada e/ou delimitada?!

Siga-nos!



Sejam Bem-Vindos!

(11)9.9404-2910



<https://heylink.me/vivavidasvivas/>



WebTV x Canal YouTube

Qualidade de Vida em pauta: **Viva Vidas Vivas**

vivavidasvivas.com

∞ Psicoterapias;

⌘ Mitologias, Contos e Afins;

α Massagens e Práticas Corporais;

ð Práticas Meditativas;

π Culinária e Pitadas de Nutris;

β Idiossincrasias de Madame Rô&Nós;

∞ Viagens, Culturas e Eventos;

∑ Atividades Coparticipativas, através de

Cursos, Vivencias e Trocas de Experiencias.

Sejam Bem-Vindos!

<https://heylink.me/vivavidasvivas/>

(11)9.9404-2910



Siga-nos

**Bom
Proveito!**

PANTEÃO DE COLABORADORES



LARISSA DIAS

EDITORA E IDEALIZADORA



Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos.

Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método “Jornada Vocacional”, um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP.

www.larissadiaspsico.com.br

larissa@larissadiaspsico.com.br

FÁBIA LUCAS

REVISORA DE TEXTO E COLABORADORA DE OBRA CINEMATOGRÁFICA



Revisora de textos - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; atualmente é professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia.

Instagram: [@fabia.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-mail: facaroli@yahoo.com.br

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/fábيا-carolina-lucas-3183011a2>

PANTEÃO DE COLABORADORES



ALLAN MARANTE

COLABORADOR DE ARTIGOS



Jornalista, pós graduado em comunicação institucional e desenvolvedor de soluções em TI. Tradutor de nórdico antigo e pesquisador de runologia, publicou obras que tornam os manuscritos escandinavos originais acessíveis para o público, abordando ritos, divindades nórdicas, inscrições rúnicas, poemas, hinos e demais elementos da cultura e espiritualidade nórdica.

Suas obras são "Paganismo Nórdico no Século XXI", "Hávamál: As palavras de Sabedoria de Óðinn", "Ynglinga Saga: A História dos Deuses e Reis Nórdicos" e "Sabedoria das Runas: História, Arqueologia e Literatura".

Fundador da iniciativa "Caminho Nórdico", que promove aulas, palestras e produz conteúdos históricos e religiosos sobre a prática do Forn Siðr, a religião nórdica antiga.

Facebook: <https://www.facebook.com/caminhonordico>

E-mail: allan.caminho@gmail.com

NÚBIA FUJII

COLABORADORA DE ARTIGOS



Professora da rede pública há mais de dez anos, formada em Pedagogia pela USP. Desde a época da graduação já nutria interesse pela área da mitologia e sempre foi apaixonada por psicologia. Encontrou a união dessas duas temáticas no curso de Mitologia Criativa, na Unip, onde também se especializou em Arteterapia. Atualmente, faz graduação em Psicologia pela Faculdade Fecaf. Eterna aprendiz!

Contato: nubiafujii@hotmail.com

SOLANGE D´AMATO

COLABORADORA DE ARTIGOS



Solange Silva D'Amato adora a natureza e a simplicidade da vida. Quando adolescente, desejou participar do Projeto Rondon que lhe colocaria em contato com indígenas da Amazônia, mas não lhe foi possível nesse tempo. Sonho esse que só veio se concretizar bem mais tarde, quando em uma Pós-graduação em Mitologia Criativa, Contos de Fada e Psicologia Analítica, escolheu como tema de sua monografia a mitologia indígena. Para mergulhar no assunto escolhido de seu TCC, em 2018, teve a alegria de conviver com 7 etnias indígenas, numa aldeia multiétnica. Como resultado do trabalho, desenvolveu um jogo para autoconhecimento cujo nome é "Travessia: Acessando o Melhor de Mim." Atende em consultório como arteterapeuta e psicopedagoga. Além realizar cursos através de workshops em parceria com Vilma Fidalgo Del Ry.

novolhar_workshop@yahoo.com.br / [@solange.damato](https://www.facebook.com/solange.damato) / www.facebook.com/solange.damato

PANTEÃO DE COLABORADORES



ROSANGELA APARECIDA CORRÊA

COLABORADORA DE ARTIGOS

Rosangela Aparecida Corrêa – Psicoterapeuta - Analista Junguiana e Psicossomática-FACIS/IJEP, Especialista em Clínica Junguiana do Psicodiagnóstico à Intervenção Clínica-SEDES, Especialista em Mitologia e Contos de Fadas, Massoterapeuta, Reikiana, Astróloga, Analista de Sistemas e Escritora. Tendo atuado por 13 anos no mundo corporativo de multinacionais, na Área de Exatas(TI) e desde então, 17 anos atuando na Área de Humanas, cuidando do ser, holisticamente. Fundadora do Viva Vidas Vivas, que busca oferecer informações, serviços e compartilhamento de experiências para incentivar cada pessoa que tiver contato com estes recursos, a experimentar, empreender e viver suas respectivas vidas de maneira viva, intensa, vibrante e presente.

Site 1: <https://psicoterapiajanguiana.com/> Site 2: <https://vivavidasvivas.com/>

Facebook: fb.me/vivavidasvivas / Instagram: [@vivavidasvivas](https://www.instagram.com/vivavidasvivas)

Cartão Virtual: <https://heylink.me/vivavidasvivas> / E-mail: info@vivavidasvivas.com



PROF. DR. MARCOS FERREIRA-SANTOS

COLABORADOR DE ARTIGOS

Jardineiro, artesão, cultivador de bonsai tropical e penjing, folklorista, arte-educador. sementeiro de sumak kawsay, pan-africanismo e filosofias ancestrais...

Professor de mitologia em várias universidades na Espanha e América Latina, com investigações e intervenções poéticas em mito, música & iniciação nas comunidades tradicionais e povos originários há mais de quatro décadas se orienta pelas pensadoras e pensadores do “círculo de eranos” (Ascona, 1927-1988), primeiro grupo interdisciplinar de mitologia, antropologia simbólica e mitohermenêutica; assim como é influenciado pela “antropologia da pessoa” (Nikolay Berdyaev, Emmanouel Mounier, Paul Ricoeur, Jean Cocteau, Annie Besant, etc)

Youtube: youtube.com/c/MarcosFerreiraSantosoficial-mito_musica/videos

www.marcosfe.net / E-Mail: marcosfe@usp.br



KARLA BARBOSA

COLABORADORA DE ARTIGOS

Pedagoga e Professora dos Anos Iniciais. Membro há 7 anos do Grupo Druídico Ramo de Carvalho, que busca vivenciar a espiritualidade celta, por meio da honra aos antigos deuses celtas, à ancestralidade e animismo. Dedicou-se a estudar o Ibero Celticismo, e publica as suas descobertas sobre ele e o Druidismo no blog pessoal "O Canto da Suindara".

e-mail: karlaalves10@yahoo.com.br



PANTEÃO DE COLABORADORES



LAINÉ BALBINO - ORGASMO LITERAL

COLABORADORA LITERÁRIA

Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo, Laine é uma paulistana que passa seus dias perto do mar. Após anos de trabalho como secretária e professora de literatura brasileira, atualmente estuda Tarot e é freelance na produção de artigos diversos.

Por acreditar no poder transformador das artes, mantém um perfil no Instagram chamado Orgasmo.Literal, espaço em que compartilha leituras de diferentes gêneros, artistas independentes e filmes (longa e curta metragens), com resenhas elaboradas com muito empenho, para estimular os leitores na busca do conhecimento, sua grande paixão!

E-mail: balbino.elaine.s@gmail.com

Instagram: [@Orgasmo.Literal](https://www.instagram.com/Orgasmo.Literal)



LUÍZ JÚNIOR

COLABORADOR LITERÁRIO

Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduado em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia online. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

www.oraculosemisterios.com.br // www.escritorluizjunior.com.br // (11) 98721-9413



PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)

COLABORADOR MUSICAL



A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: @hellyeahmusiccompany // LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> //(48) 99815-6284

MEGAIRA

COLABORADORES MUSICAIS



A banda Megaira, fundada em 2009, no ABC Paulista, se diferencia pela mistura dos estilos Thrash/Death com Metal Tradicional e letras voltadas a Mitologia Grega. Formada atualmente por Paulo Schmidt (Vocal), Annia Bertoni (Vocal), Paulo Melo (Guitarra), Tom Petram (Guitarra), Tiago Souza (Baixo) e Paulo Lima (Bateria) a Megaira traz influências de Black Metal com bandas Thrash/Metal/Melodic dos anos 80 e 90 e suas composições são baseadas na Mitologia Grega contando histórias a partir de estudos com bases históricas.

Site oficial: <http://megairaofficial.com/>

Facebook: <https://www.facebook.com/MegairaOfficial/>

Youtube Megaira Official: <http://youtube.com/c/MegairaOfficial>

PANTEÃO DE COLABORADORES



JÉSSICA DIAS - ALPHA CENTAURI

MÍDIAS SOCIAIS



Sócia da empresa Alpha Centauri BI, Tecnologia e Desenvolvimento. Tem como lema a melhoria contínua em todo trabalho que participa levando sua criatividade e inovação. É paulista, formada em Gestão Ambiental com ênfase em licenciamento ambiental e sensoriamento remoto. Apaixonada por Ciências Mortuárias, Natureza, Artes e Música contribui com a edição de artes das mídias sociais a partir da 2ª quinzena de Março.

E-mail: jessica@alphacentauritecnologia.com.br

Site: <https://www.alphacentauritecnologia.com.br/>

ÉRICA DIAS

TRADUTORA REVISORA DE MÍDIAS SOCIAIS



Formada em Secretariado Executivo Bilíngue, Érica atua com finanças e recursos humanos há mais de 10 anos, possui certificação de RH Business Partner pela FGV e Pós Graduação de Finanças pela Unisa.

Tradutora e revisora dos textos bilíngues e das mídias sociais à partir da terceira quinzena de Março/21.

E-mail: dias.ERICA14@gmail.com

CADU SIMÕES

COLABORADOR ARTIÍSTICO



Cadu Simões é historiador por formação e roteirista por insistência. É natural de Osasco, São Paulo. Começou a fazer quadrinhos em 2000 e é ganhador do Troféu HQ Mix na categoria de Roteirista Revelação. As suas atuais séries de histórias em quadrinhos são: Homem-Grilo; Nova Hélade; Cosmogonias; Acelera SP; Fundador dos coletivos Quarto Mundo e Petisco e proprietário do selo de quadrinhos, a Aedo Edições.

Além de suas obras autorais, costuma trabalhar como roteirista, redator e revisor freelance para diversas empresas e instituições, além de fazer letreiramento para quadrinhos e ministrar palestras, oficinas e cursos relacionados a roteiro, criação de narrativas, produção de HQs independentes e publicação de webcomics (quadrinhos digitais).

Instagram: [@cadu42](https://www.instagram.com/cadu42) / Site: <https://cadusimoes.com/>

AGRADECIMENTOS

Prezado Leitor Mitológico,

Agradeço ao Allan por novamente trazer um rico conteúdo mitológico nos contando mais sobre Mímir, à Núbia por trazer de forma tão didática os passos da jornada do herói e à Solange por nos apresentar de forma tão poética à tríade tupi-guarani. Agradeço novamente à Rosangela que nos brindou com este incrível artigo sobre a maternagem no mês das mães e ao professor Marcos que trouxe uma belíssima visão de Ulisses nestes tempos de isolamento social, assim como a Karla que nos apresentou um deus pouco abordado, para a luz do nosso conhecimento!

Agradeço à Laine, que nos brindou com uma resenha entorpecente falando sobre a mitologia africana, mesmo sem ter tempo de respirar! Agradeço ao Luiz Júnior por trazer mais um personagem muito interessante e ao Luis da Hell Yeah que sempre nos brinda com seu conhecimento mitológico todos os meses!

Agradeço aos integrantes da banda Megaira, que nos presentearam contando sua história e trazendo uma incrível resenha do seu CD, mais do que mitológico! Agradeço também ao Cadu, que nos cedeu gentilmente sua belíssima arte contida originalmente na revista "Cosmogonias" para encher nossos olhos de mitologia nas HQs! Agradeço ao Carlos, que criou esta capa maravilhosa especialmente para a revista e ao Patrick que nos cedeu mais uma de suas ilustrações para nossos artigos.

Agradeço sempre à querida Fábica Lucas, nossa revisora, que neste mês produziu uma resenha fantástica sobre mitologia japonesa para os Arquivos de Loki, assim como a Érica Dias pela revisão e tradução das comunicações das mídias sociais. Também agradeço à Jéssica Dias pelas belas e criativas artes que todos podem acompanhar durante o mês no Facebook e no Instagram!

Até a próxima!

Equipe Mitologia Aberta.

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial

Larissa Dias

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábila Lucas

Projeto Gráfico: Larissa Dias e Jéssica Dias

Ilustração da Capa: "Ymir e Odin", Carlos Arias

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2021, Maio, World Wild Web

Colaboram Nesta Edição:

Allan Marante, Núbila Fujii, Solange d' Amato, Rosângela Corrêa, Marcos Ferreira-Santos, Karla Barbosa, Laine Balbino, Banda Megaira, Érica Dias, Patrick Burke e Cadu Simões.

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados à seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta